

SAUSSURE: O SUJEITO FALANTE¹

SAUSSURE AND THE SPEAKING SUBJECT

Marina De Palo²

marina.depalo@uniroma1.it

1. O ANTIPSICOLOGISMO ESTRUTURALISTA E A VIRADA SEMÂNTICA

Valho-me de formulações geralmente utilizadas pela filosofia de Frege para referir-me ao fato de que o coração da virada linguística de Saussure está no início de uma nova perspectiva segundo a qual o tema do significado é considerado objeto de estudo não mais da psicologia ou da filosofia, mas da linguística. Essa virada foi definida como antipsicologista e pode ser interpretada como uma espécie de antídoto contra o psicologismo invasivo da segunda metade do século XIX, quando se assiste a uma proliferação de estudos no campo psicológico que entram na bibliografia linguística. De fato, o antipsicologismo é considerado um traço caracterizante das teorias da linguagem entre o final do século XIX e o início do século XX, e, em particular, da semântica linguística do século XX (tanto aquela formal de matriz fregeana quanto aquela estrutural considerada de inspiração saussuriana). A crítica ao psicologismo diz respeito primeiramente a um ponto muito específico, que é o estatuto

¹ Texto traduzido do original de 2016, “Saussure: il soggetto parlante”, publicado originalmente no livro *Saussure e gli strutturalismi. Il soggetto parlante nel pensiero linguistico del Novecento*, Carocci Editore (Roma). A **ReVEL** agradece a gentileza de Marina De Palo e da Carocci Editore por autorizarem a publicação desta tradução do texto para o português nesta edição especial (N. E.).

² “Sapienza” Università di Roma.

da lógica e a sua relação com a psicologia, e a partir daí reflete sobre a teoria das línguas naturais (Formigari 2001: 226; Graffi 1991: 19).

Em geral, a interpretação estruturalista valorizou as implicações autonomistas da linguística de Saussure e colocou em segundo plano todos aqueles temas que não fossem incluídos nessa leitura. Seguindo essa interpretação, a *langue* é considerada um sistema abstrato de valores relacionais puramente linguísticos, independentes dos processos psíquicos dos sujeitos falantes. Dado que o signo saussuriano afirma a sua independência do mundo extralinguístico (referente) e do mundo subjetivo, físico e psicológico do usuário (ou melhor, da mente do sujeito falante), as unidades linguísticas e semânticas foram consideradas como entidades puramente formais (diferenciais) e correlativas, privadas de bases subjetivas.

Não é por acaso que o estruturalismo também neutralizou o tempo no sistema sincrônico, ignorando-o como tema onipresente e fundamental para a formação e a vida do signo na linguística saussuriana e como ponto particularmente delicado em termos de relações entre psicologismo e antipsicologismo.

Os temas em torno dos quais se definiria o antipsicologismo de Saussure podem ser resumidos da seguinte maneira: 1. o signo, e conseqüentemente o significado, não são de natureza introspectiva, mas social; 2. o significado não é um conceito, mas é puramente diferencial, visto que é determinado pelo contexto sintagmático e associativo; 3. a *langue* não é uma nomenclatura de objetos dados precedentemente, mas um sistema de valores relacionais, uma forma (um conjunto de articulações) que se projeta sobre a substância dos conceitos (e das ideias) e dos sons; 4. o objeto de estudo da linguística é autônomo, no sentido em que o estudo da *langue* (como sistema de relações intralinguísticas) é independente do estudo da mente e dos processos psíquicos (objeto da psicologia) e do estudo da matéria física e fisiológica dos sons (objeto, por exemplo, da fonética).

Mas nesses temas se configura, mais do que o pretense antipsicologismo, a exigência posta por Saussure de dar um fundamento à ciência da linguagem e de dar início à semântica linguística através de algumas escolhas estratégicas: a) colocando em segundo plano o estudo do sujeito (biofísico e psicológico) em respeito à análise do significado linguístico; b) instituindo uma hierarquia do pensamento que privilegie o linguístico proposicional (cf. Armezzani 2002: 91); c) dando um papel de primeiro plano ao estudo da *langue* como sistema de signos em relação à *langage*.

Por outro lado, essa exigência fundadora se verifica naqueles anos também no debate psicológico. Quando com Saussure se lançam as bases da linguística moderna na segunda metade do século XIX, verifica-se também “o chamado ‘nascimento’ da psicologia como ciência autônoma por um lado, e a produção das primeiras ‘cartografias’ do cérebro por outro” (Morabito 2004: IX). Wundt, como Saussure, fundando a psicologia como ciência autônoma, começa a confrontar-se com a delimitação do objeto de estudo e a escolha de um método equilibrado entre o projeto de uma psicologia que tenha no centro do seu campo de pesquisa a experiência imediata não desprovida do fator subjetivo e a exigência de conformar-se com o método experimental naturalista. Paradoxalmente também a psicologia científica emergente, segundo Armezzani (2002: 40), segue um rumo antipsíquico, ou seja, de uma psicologia sem sujeito, uma vez que “o compromisso assumido com a subjetividade e os seus modos de expressão e comunicação” sacrifica o método.

1.1 Da *idée* ao *signifié*

Na perspectiva da virada linguística, há muito tempo predominante no debate filosófico-linguístico do século XX, a *way of ideas* própria do empirismo clássico foi objeto de duras críticas pelo fato de ter assimilado a lógica da psicologia (a considerada “falácia psicológica”), reduzindo o significado das expressões linguísticas a ideias ou representações mentais (a considerada “falácia representacionista”; cf. Hacking 1994).

Um dos pontos-chave da virada linguística saussuriana é, pelo contrário, a passagem da *idée* (*concept*) ao *signifié*. A aquisição do termo *signifié* não é, na verdade, uma mera inovação terminológica³. O significado não é um dado lógico, não é mais identificável nem com a ideia abstrata empirista, nem com a ideia inata idealista, mas é definido em modo correlativo ao interno de cada sistema linguístico.

³ Através do emprego dos termos *signifiant* e *signifié* introduzidos em uma aula de 2 de maio de 1911, Saussure afirma, não sem hesitações, que o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces resultante da combinação de um conceito (*signifié*) e uma imagem acústica (*signifiant*). Saussure pensou por um longo tempo nos termos *signifiant* (para o qual também pensava em *sôme* e *aposème*) e *signifié* (para o qual também pensava em *contre-sôme*, *anti-sôme* ou *para-sôme*). Burger (1961: 5-8) mostrou como Saussure queria distinguir entre *signifiant* e *signifié*. De modo geral, as contribuições teóricas e filosóficas de Burger e de Prieto colocaram em evidência o caráter técnico do termo *signifié* (classe abstrata de significação que se insere na *langue*) em relação àquele de *signification* ou *sens* (concreta), utilização individual do *signifié* (cf. De Mauro, em Saussure 1967: 440).

O signo e, por consequência o *signifié*, não é de natureza introspectiva, mas social e sistêmica; este não depende da vontade do indivíduo, mas constitui a ponte da intersubjetividade, o produto das circunstâncias históricas e sociais.

Para Bréal, que afirmou nas *Idées latentes du langage* a existência de uma espécie de eclipse interior em relação às insinuações (*idées latentes*), dos suplementos de conteúdo que restam implícitos nas estruturas fundamentais de uma língua⁴ Saussure mostra a puerilidade da noção de **elipse**, que pressupunha uma relação “entre n ideias e n termos” evocando, pelo contrário, a natureza extensível do significado linguístico (*CLG/E*⁵, *Item 3308*)⁶. Nesta observação (que retomaremos) Saussure parece afirmar: 1. a natureza linguística do significado e uma acentuada desconfiança para qualquer hipótese de universalismo de estruturas subjacentes; 2. a deformabilidade e a indeterminação do sentido (“um termo é indefinidamente expansível”); 3. o frágil papel das estruturas linguísticas à frente de um reforço do papel dos falantes e do contexto de enunciação. No que diz respeito ao ponto 1, isto se explicita melhor em “Sobre a essência dupla da linguagem” onde a negatividade do *signifié* parece manifestar uma tomada de posição perante cada definição positiva do **sentido próprio** no âmbito de uma metafísica das ideias⁷. Saussure chega a afirmar que, na *langue*, nada é dado a priori, nada vale por si só, mas sempre em relação ao outro (De Mauro, em *SLG*⁸, Saussure 2005: XIII). Nesse sentido, é necessário combater a “suposição tradicional pela qual a palavra detém uma significação absoluta” (Saussure 2005: 85), porque “não é a ideia positiva, a ideia de SOL fora da língua que faz a imagem: é, simplesmente, a oposição com outros termos que resultam, também mais ou menos apropriados, como *étoile*, *astre*, *clarté*, *unité*, *but*, *joie*,

⁴ O programa naturalista de Bréal garantia o plano da intersubjetividade através do referimento mais ou menos implícito à noção pré-linguística de *idée*, termo usado em modo oscilante junto a *sens*, *signification*, *valeur*. Bréal considera as significações lexicais como entidades psicológicas: a “ideia” é o fruto do processo de abstração dos quais intersubjetividade e universalidade são inscritas na universalidade da razão. Deste ponto vista, Bréal parece reproduzir a separação da semiótica iluminista, descrita e documentada pelos trabalhos de Aurox (1979: 236), entre universalidade da razão e uso cotidiano da língua, o qual não sendo submetido à racionalidade, é arbitrário.

⁵ *CLG/E* = *Cours de linguistique générale/Engler* (Curso de linguística geral/Engler), cf. SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique par Rudolf Engler, 4 vol., Wiesbaden: O. Harrassowitz 1967-1974 (N. E.).

⁶ “Não haveria uma única palavra dotada de sentido sem elipse, mas então ‘porque falar da elipse’ (como Bréal), como se houvesse uma norma qualquer por baixo das quais as palavras são elípticas” (*CLG/E*, *Item 3308*).

⁷ “E esse fato, puramente negativo, da oposição com as palavras comparáveis, é o único que justifica os usos ‘figurados’; nós negamos que seriam figurados porque negamos que uma palavra tenha uma significação positiva” (Saussure 2005: 91).

⁸ *SLG* = *Scritti inediti di linguistica generale* (Escritos inéditos de linguística geral), cf. SAUSSURE, Ferdinand de. *Scritti inediti di linguistica generale*. Bari: Editori Laterza, 2005 (N. E.).

encouragement" (ivi: 80-81). Saussure tangencia a noção de valor semântico da tradição semiótica iluminista, mas neutraliza a dicotomia entre sentido próprio e figurado colocando os sentidos no interior do duplo eixo sintagmático e associativo (cf. De Palo 2001a: 18-19, 109; 2001b).

1.2 A epistemologia do sentido e a dicotomia abstrato/concreto

Há uma tensão epistemológica que permeia a reflexão saussuriana que se pode relacionar à exigência de inserir o tema do significado como objeto de estudo da nascente linguística (De Palo 2001a). Também a reflexão psicológica coerente é atravessada por uma trama epistemológica, ditada substancialmente pelo problema da definição do sentido e da pesquisa dos dados correlativos observáveis e descritíveis. Os fenômenos linguísticos por si só não oferecem nada além de ações combinadas ou isoladas de forças fisiológicas, físicas, mentais (*CLG/E*, 1976 N9.1, em Saussure 1967-1974) e, por conseguinte, a teoria da linguagem terá como tarefa mais essencial a de decifrar essa massa heterogênea (ivi, 1977 N9.1). O objeto da linguística, não sendo dado a priori, pode ser identificado apenas através de um *point de vue*, a partir do qual se escolhem quais gêneros de fenômenos linguísticos serão incluídos na análise. Com efeito, Saussure sugere questões que vão contra o senso comum: “a ilusão das coisas que seriam **naturalmente dadas** na linguagem é profunda” (ivi, 129 N9.1). Se o ponto de vista do linguista não cria nada, mas ilumina e faz compreender pontos de vista preexistentes, não é necessário ceder à ilusão de que seja possível transformar estes últimos em um objeto dotado de existência independente, em que se perde a conexão de dimensões heterogêneas produzidas pelo ponto de vista. (Saussure 2005: 15).

As novas pesquisas nas áreas de fisiologia, psicologia e sociologia apontam uma grande quantidade de “fatos” heterogêneos entre si que, de várias formas, são relevantes para o significado linguístico e que podem se sobrepôr ao grande volume de dados da gramática comparada, determinando assim uma “superfetação” empírica na qual ainda falta um edifício teórico e um ponto de partida fixo e definido. Por outro lado, não existe em linguística “um único fato definido em si” (*CLG/E*, 128 N9.1, em Saussure 1967-1974). A linguagem é para Saussure, ainda, um objeto “não classificado nem no espírito dos linguistas nem no dos filósofos” (ivi, 3326 N17). Se a linguística

deve ocupar-se do significado, é necessário redefinir qual seja o seu objeto de estudo, quais sejam as suas unidades de análise e os seus limites, sobretudo em relação às disciplinas como a psicologia e a sociologia.

Em “Sobre a Essência dupla da linguagem”, Saussure chama a atenção para o “contínuo e sutil defeito de todas as distinções linguísticas” pelas quais “falando de um objeto **a partir de um certo ponto de vista** se está, por isso, nesse ponto de vista” (Saussure 2005: 15). Saussure também chega a afirmar, na nota *Unde exoriar?*, que sem um *point de vue* a substância incerta e escorregadia da *langue* não oferece nenhum ponto de partida útil (CLG/E, 128 N9.1)⁹. Formulando o conceito de *langue*, Saussure vai contra a ideologia científica da época uma vez que hipotetiza um objeto não imediatamente observável e, nesse sentido, abstrato. É esse o problema que se coloca Freud hipotetizando a noção de inconsciente e que se colocam Bühler e Vygotski, refletindo sobre os métodos da psicologia e criticando o behaviorismo.

Um ponto crítico torna-se então o de individuar as categorias cognitivas que tenham em vista o caráter **abstrato**, mas também **concreto**, do objeto linguístico. Somente identificando o próprio objeto de estudo a linguística conduz a um ponto de vista geral que restitua a esse objeto sua totalidade: “é necessário um objeto concreto. Mas é preciso evitar colocar-se à frente de qualquer coisa parcial. É preciso observar o objeto inteiramente” (CLG/E, 123 IIID, em Saussure 1967-1974). Trata-se, portanto, de dar uma perspectiva teórica à linguística sem ceder à tentação de simplificar a complexidade dos fenômenos linguísticos, reduzindo o trabalho do linguista à pura observação da forma externa da linguagem. Ao tema do **signo** é confiado o papel de semantizar a linguística porque esta, unidade primária da *langue*, inclui o sentido. Se o objeto da linguística é a *langue* considerada como sistema de signos, o sentido não apenas é incluído nessa disciplina mas contribui de modo primário para defini-la.

Um “coágulo” epistemológico é, portanto, a dicotomia abstrato/concreto, distinção que circula na literatura linguística da época (por exemplo, em Henry 1896) e que em Saussure adquire uma estratificação complexa. Renunciar à concretude do objeto linguístico significaria “reduzir a *langue* a um sistema de abstrações, e isso seria perder de vista o objeto próprio da linguística para desviar-se em direção à lógica ou à

⁹ Se existisse um “objeto tangível, absolutamente qualquer, mas anterior à análise e não posterior a essa” (CLG/E, 299 N12.11, em Saussure 1967-1974) muitas questões desapareceriam. Cf. Saussure (1983, em Prosdocimi 1983: 69-70).

psicologia pura” (Godel 1957: 218)¹⁰. A noção de **concretude** em Saussure pode ser introduzida a partir da comparação, quase corpo a corpo, com as línguas vivas, mas esse apelo ao estudo das línguas não é nem a adesão a uma espécie de empirismo otimista e ingênuo, nem a reproposição positivista do fetichismo do fato.

A questão da concretude do objeto linguístico é complexa e articulada¹¹. Limiteme a apresentar sinteticamente algumas acepções que podem ser encontradas nos textos saussurianos (cf. De Palo; Formigari 2010: 7-8).

a) **A concretude da diversidade das línguas vivas e dos fatos de parole.** Esses últimos “tomados em si, são os únicos certamente concretos” (Saussure 2005: 27). É a partir da observação da diversidade linguística que Saussure começa, no terceiro curso, a hipotetizar a noção de *langue*: “*Les langues*’, é o objeto concreto que se oferece à superfície do globo ao linguista. *La langue*, é o título que se pode dar àquilo que o linguista saberá concluir a partir das suas observações sobre o conjunto das línguas através do tempo e do espaço” (CLG/E, 2846 N21.1, em Saussure 1967-1974). Delineia-se, dessa forma, o emprego de um método que se confronta com os dados observacionais, com as línguas vivas e com cada um dos comportamentos individuais.

b) **A concretude antropobiológica do falante.** Para Saussure, contrariamente a Bühler, a *langue* é concreta porque possui uma base neurológica no cérebro do sujeito falante e não pode ser hipostatizada em um leniente terceiro reino. Lê-se no III curso: “O objeto concreto é, portanto, este produto depositado em todos os cérebros” (ivi, 182 IIIC). Saussure se refere, na sequência de Broca, à faculdade de falar “localizada na terceira circunvolução esquerda” do cérebro (Saussure 1967: 20). Essa fundação antropobiológica do sujeito falante aborda o tema da conexão entre organismo e indivíduo falante, situando o problema não nos termos da psicologia individual, mas sobre o plano

¹⁰ Em uma nota relativa à obra de Sechehaye (1908), Saussure considera que o objetivo do linguista seja o “de fixar o campo da expressão, de conceber as leis, não naquilo que têm em comum com o nosso psiquismo em geral, mas naquilo que têm ao contrário de específico e absolutamente único no fenômeno da *langue*” (CLG/E, 3330 N21.6, Saussure 1967-1974).

¹¹ Em uma nota ao CLG, De Mauro (Saussure 1967: 393) observa como Saussure é filho do seu tempo ao dar uma conotação negativa ao termo “abstração”, colocando-se no contexto de uma epistemologia kantiana, idealista e positivista. A marca hegeliana na conotação negativa da noção de “abstração”, já indicada por De Mauro (1967), foi recentemente sustentada por Stawarska (2015: 39) sobretudo quando Saussure considera que uma entidade sem determinações seja uma abstração.

sub-pessoal. A crítica desse ponto não passa despercebida a um psicólogo influenciado por Husserl como Bühler.

c) **A concretude do sentido. Concreto** representa a ligação entre significante e significado, e se opõe a **abstrato**, que designa um conceito sem suporte sonoro ou vice-versa (objetos respectivamente da psicologia pura ou da fonética, mas não da linguística): “**concreto**, aqui, significa que a ideia tem a sua unidade no suporte sonoro” (CLG/E, 2195 IIIS, em Saussure 1967-1974) portanto “a palavra material é para nós uma abstração” (ivi, 1693). Consequentemente, “existem coisas abstratas que não são de todo linguísticas. Assim, temos dito que se quisermos buscar significações em si mesmas, separando-as radicalmente do suporte sonoro, do suporte material, não se está mais na linguística, mas na psicologia” (ivi, 2195 IIIC). Para tornar concretas as unidades de sentido não se trata somente de ligá-las de modo indissolúvel às formas que as exprimem, mas sim de reconduzi-las às relações que elas estabelecem em um sistema linguístico baseado em oposições (ivi, 1750 IIR). Esse ponto de partida nos levará à noção de *jeux di signes*

d) **A concretude da consciência do sujeito falante.** Aqui, **concreto**, representa aquilo que está na consciência do sujeito falante (opondo-se a **abstrato** que designa aquilo que tem valor apenas para o gramático) (ivi, 2195 IIIC). A perspectiva do linguista, quando dividida daquela do falante, é abstrata (ibid.; ivi, 2195 N23.4). Voltaremos a esse ponto no que se refere à distinção entre análise subjetiva e objetiva, onde emerge a complexa relação entre o ponto de vista do falante e aquele metalinguístico do linguista.

e) **A concretude do jogo de signos (e a abstração do sistema).** Apenas no *jeu de(s) signes* (Saussure 2005: 36) da *langue*, ou seja, no uso concreto de determinados signos em um sistema de associações e oposições em um contexto particular, algo pode adquirir forma sígnica. A significação é determinada por aquilo que rodeia os signos (“*ce qui entoure*”) não só do ponto de vista linguístico, mas também extralinguístico.

O chamado à concretude do objeto linguístico é, portanto, uma orientação contra uma linguística que estude abstratamente as formas (sem considerar as suas

funções semânticas) ou vice-versa, e que rompa a ligação entre sujeito e *langue* caindo no ponto de vista do puro gramático. Mas fundamental para a definição da concretude do objeto linguístico é o interesse prioritário pelas línguas vivas, no sentido de línguas que vivem na vida dos falantes: a questão do tempo e da massa falante é, portanto, ponto chave.

2. O PORTADOR DA LINGUAGEM

Enquanto a virada linguística da filosofia de Frege coincide com a considerada expulsão dos pensamentos da mente pela qual noções tais como aquelas de **verdade**, **significado**, **conteúdo** devem ser indagadas evitando as armadilhas da psicologia (“a própria mente não tinha cidadania”, Di Francesco 1996: 4), a virada linguística saussuriana não estabelece uma cisão entre *langue* e sujeito (psicológico, biológico, neurológico) e se concentra sobre a relação entre linguística e psicologia. A faculdade da linguagem hipotetizada por Saussure sempre necessita daquilo que Frege chama de um **portador**. Além disso, a faculdade de construir e aprender uma língua é, para Saussure, uma faculdade inata, natural e biológica que não pode jamais ser separada do corpo vivo, do organismo e do cérebro do locutor individual. A *langue*, como observa Saussure, retomando uma formulação de Bréal, não é “um quarto reino da natureza”, não tem uma natureza orgânica e fisiológica e não é um organismo regulamentado por leis independentes do homem porque não tem nenhuma existência na natureza e não existe para além da atividade humana e dos sujeitos que a falam.

De particular importância para a abordagem saussuriana é aquela **virada linguística** que Humboldt impulsiona à filosofia, à qual faz alusão Di Cesare (1991: XXVI). Humboldt reconhece, na verdade, “a profunda ‘linguisticidade’ (historicidade e dialogicidade) do conhecimento e insere a linguagem (que se manifesta na pluralidade das línguas particulares) no quadro da filosofia kantiana” (Trabant 2000: 314). A metacrítica de Humboldt mostra que a linguagem é a condição do conhecimento e altera o tradicional modelo monológico em um modelo dialógico (Di Cesare 1991: XXXVI). Na linguagem, a palavra vem restituída do **Eu** ao **Tu** que, por sua vez, também é um falante, e só então a síntese pode dizer-se realizada (Humboldt 1993: 49).

O **Eu** de quem fala Humboldt não é a subjetividade transcendental, “não é o indivíduo abstrato, separado das relações interindividuais, reinserido no solipsismo monológico da metafísica, mas é um indivíduo concreto, histórico, inserido em uma coletividade, que se define e se desdobra no diálogo com o Tu” (Di Cesare 1991: XXXVII). Mas Formigari (1994: 28) observa como essa dialogicidade da linguagem é sustentada por uma visão idealista da subjetividade, que apenas com a chegada da estação psicologista será plenamente reconduzida ao nível da via empírica do sujeito. Saussure encontra-se de fato a realizar essa passagem do **eu transcendental** ao **eu empírico** com todas as implicações psicologistas que esta passagem impõe.

2.1. A passagem do sujeito transcendental ao sujeito empírico-psicológico

A problemática da passagem do eu transcendental ao eu empírico é abordada por Bühler (1983: 119), que critica a psicologia associacionista e o psicologismo de Saussure. Na realidade, para Saussure, os fatos de *parole* são os únicos certamente concretos (Saussure 2005: 27), mas apresentam diversos problemas teóricos.

A noção de *parole* e o correlativo circuito da comunicação chamam, a esse propósito, a noção de **sujeito empírico-psicológico**. O ponto crítico da análise de Saussure seria, segundo Bühler, a ideia de acordo com a qual a *langue* seria um “objeto concreto”, “localizável” naquela parte do circuito na qual uma imagem acústica se associa a uma representação (Bühler 1983: 110). O próprio Bühler critica a ideia de um “objeto concreto” e a utilização de uma terminologia associacionista cuja origem está na raiz herbartiana do pensamento de Steinthal¹². É essa a crítica da fenomenologia de matriz husserliana à exigência estabelecida por Saussure de encontrar uma integração entre as formas e as funções.

A acusação de psicologismo ao circuito da *parole* foi formulada ainda recentemente por Dummett (2001), sagaz exegeta do pensamento de Frege, o qual interpreta Saussure, tradicionalmente considerado paladino do antipsicologismo, como um representante do considerado **psicologismo**¹³. Segundo Dummett (2001),

¹² Steinthal desenvolve uma crítica da visão idealista (e humboldtiana) da mente a partir da concepção empírica e não transcendental do sujeito de Herbart. Não é por acaso que Steinthal usa a palavra *Seele* para referir-se a um sujeito psicológico evitando a conotação transcendental do termo *Geist* (Formigari 1999: 249).

¹³ Segundo Dummett (2001: 148-149), o circuito da *parole* “imita a explicação associacionista dos empiristas britânicos: esses últimos, porém, identificavam os conceitos com as ideias entendidas

o estilo empirista sinuoso em Saussure configuraria o **compreender** como um mecanismo que opera por imagens mentais e que explica a nossa capacidade de associar um sentido com uma palavra. Nessa situação, a acusação de psicologismo captura como a terminologia, os estereótipos e as metáforas de matriz representacional e associacionista dos estudos sobre memória constituem um substrato que filtra na reflexão de Saussure. Dummett, porém, não evoca as fortes teses do mestre genebrino, nem a rejeição das teorias idealistas e nomenclaturas de significado, nem aproveita na dinâmica complexa entre *langue* e *parole* a natureza interpretativa da semiose, pela qual não existe passagem linear e automática da *parole* à *langue*, mas sim um vaivém no qual dialética tem valor de aposta interpretativa (cf. abaixo, seção 3.5). Na verdade, a diferença do considerado modelo do código, naquilo que o falante disse, no enunciado efetivamente proferido não é sempre tudo necessário para a compreensão, nem o conteúdo informativo é inteiramente codificado no enunciado. Aludir à natureza inferencial desta passagem é como encontrar-se frente a frases descontextualizadas provenientes do nada, sem falantes que as pronunciam. Segundo Saussure, ao contrário, “a significação é determinada por aquilo que a rodeia”, ou seja, do contexto linguístico e extralinguístico no qual o sentido e os falantes são colocados (De Mauro 1994: 56). É, então, importante sublinhar como no texto do CLG dedicado ao circuito da *parole* se aluda ao processo de compreensão, à ontogênese e ao funcionamento da linguagem. O ambicioso projeto de lançar as bases da linguística e da semântica linguística é, portanto, concebido por Saussure sem remover o problema da compreensão, problema que remete implicitamente à relação entre significado e aquilo que se encontra “na cabeça de cada falante”.

tipicamente como imagens mentais. A ideia de uma associação estável entre imagens mentais e imagens acústicas ou impressões não é absurda em si própria: o erro dessas doutrinas reside na representação dos conceitos – os significados das palavras – como imagens mentais. Entender uma palavra uma vez que exprimindo um certo conceito não pode ser descrito dizendo que a palavra evoca à mente o conceito que nela é associado, pois não existe nada que se pareça com o chegar à mente de um conceito [...]. A explicação procurada porém não pode ser aquela simplista de Saussure. Ainda se ter um conceito fosse como ter uma dor intermitente, no sentido que este nos vem à mente somente em determinadas ocasiões, teríamos igualmente necessidade de esclarecer o que se entende com ‘aplicar’ tal conceito”. O mesmo tipo de crítica a Saussure foi desenvolvida por Deacon (2001: 51-52; cf. De Palo 2006a).

2.2 A natureza biológica da faculdade da linguagem e a antropologia semiológica de Broca

O chamado **sujeito empírico** possui uma base biológica localizada por Broca em 1861. Essa descoberta foi valiosa para Saussure que, como Henry (1896: 18), afirma a base neurológica da faculdade da linguagem. No segundo capítulo do CLG sobre a matéria da linguística e as suas relações com outras ciências, menciona-se até a antropologia (biológica e não cultural) “que estuda o homem do ponto de vista da espécie, enquanto a linguagem é um fato social” (Saussure 1967: 15) e, nas fontes coletadas por Engler, Saussure especifica claramente esse aspecto (CLG/E, III S 1.2, em Saussure 1967-1974);

A antropologia francesa daqueles anos é dominada pelo paradigma biológico e, por esse motivo, Broca é contestado por Bréal, que entrevia nele uma semelhança com os modelos de naturalização de molde schleicheriano. Em 1859, Broca havia fundado a *Société d'anthropologie de Paris*. Trata-se de uma antropologia médica que olha para história natural do homem privilegiando a anatomia, a craniometria. A antropologia francesa é muito ligada à linguística, com a qual estabelece alguns paralelismos: evolução das espécies e das línguas; monogênese/poligênese. Essa se dedica, portanto, ao substrato biológico da linguagem e às línguas como elementos de classificação das raças humanas. Mas Broca se distancia daquelas abordagens que identificam línguas e raças, combatendo tanto as teses monogênicas quanto as posições de Chavée (cf. Auroux, 2007: 85). A introdução das categorias darwinianas (seleção natural, luta pela sobrevivência, desenvolvimento desigual) nos modelos linguísticos de matriz schleicheriano¹⁴ haviam determinado sua sobreposição direta com o âmbito antropológico¹⁵. Para Broca (1871: 35), ao contrário, as hipóteses de Darwin não são essenciais para a antropologia, mas “esta é inseparável da pesquisa das origens do homem, ou melhor, do tipo humano”.

¹⁴ A dívida de Schleicher em relação a Darwin fica evidente em *La théorie de Darwin et la science du langage. Lettre publique a M. le Dr. Ernest Haeckel. De l'importance du langage pour l'histoire naturelle de l'homme* (1868, em Tort 1980). Mas o esquema da árvore genealógica precede no aparato epistêmico de Schleicher o encontro com Darwin (Esposito 2007: 48).

¹⁵ Neste cruzamento entre antropologia e linguística, a biologia darwiniana é descontextualizada e colocada no precedente e heterogêneo painel semântico do hegelianismo: “Para a classificação do homem, nós precisamos de um critério mais delicado, mais elevado, mais exclusivamente relativo ao homem [...]. É, sobretudo, a linguagem que distingue o homem como tal, e, portanto, os diversos graus da linguagem devem ser considerados como o sinal característico dos diversos graus do homem” (Schleicher 1868: 84).

Broca evita o curto-circuito perigoso entre linguística e antropologia baseado na premissa de que se as línguas diferentes correspondem a conformações biológicas diferentes, a linguagem constitui o melhor referente para classificar as várias raças. Segundo Broca, em uma classificação das raças humanas a prioridade é dada aos dados físicos em razão da sua permanência. Entretanto, os "caracteres linguísticos não são absolutamente permanentes, e os limites das mudanças que eles podem sofrer não são rigorosamente determinados" (ivi: 27). Não se pode, portanto, dar primazia à linguagem: "a linguística não fornece [...] à antropologia os caracteres de primeira ordem".

Broca (ivi: 3) observa como diversas ciências (psicologia, anatomia, fisiologia) pretendiam estudar o homem como indivíduo buscando definir a natureza humana, mas essa história do indivíduo humano deixaria de fora a história coletiva do gênero humano. Nesse sentido, "a antropologia poderia, em rigor, ser definida como **história natural do homem**" (*ibid.*). Broca distingue assim a linguagem (imutável e parte integrante do homem) das línguas (que podem transformar-se em relação aos acontecimentos políticos e às condições sociais) (cf. Dias; Rupp-Eisenreich 2006: 290). É a comunidade social, e não a racial, que envolve a comunidade linguística:

Todas as linguagens convencionais, como a palavra articulada, as diversas espécies de escritura, a datilologia, a mímica artificial usada na educação dos surdos-mudos etc, não são mais do que manifestações particulares da faculdade que nós possuímos para estabelecer uma relação constante entre um signo e uma ideia. Essa faculdade geral da linguagem não deve ser confundida com a faculdade especial da linguagem articulada que, do ponto de vista psicológico, não é mais que uma especificação, mas que, do ponto de vista da manifestação, constitui uma função distinta de todas as outras (Broca 1866: 378-379).

Essa refundação antropobiológica do sujeito falante de abordagem semiológica será valiosa para Saussure.

3 O INDIVÍDUO, A MENTE E A *LANGUE*

Na síntese saussuriana, convergem os reflexos de diversos modelos psicológicos de matriz representacional e associacionista no qual se insere a influência da psicodinâmica da memória. Tais reflexos delineiam uma rudimentar cartografia da mente e da faculdade de linguagem do ponto de vista neuroanatômico, cognitivo e menmemônico. O objetivo de Saussure não é delinear os contornos de uma mente

“linguisticizada”, mas iniciar o estudo linguístico do significado. A aula sobre a autonomia do significado, além de indicar uma completa rejeição por parte de Saussure do componente psicológico dos fatos linguísticos, leva à realização da virada filosófico-linguística humboldtiana através da investigação da diversidade das línguas e da diversidade dos comportamentos linguísticos individuais. Nesta exploração, a linguística nos devolve o mapa de um território heterogêneo no qual língua e sujeito, forma e substância, *langue* e *parole*, desenham as linhas de pesquisa de uma teoria da **significação** no qual a *langue* é a bússola do linguista. No indivíduo, encontramos uma faculdade da linguagem articulada que consiste em uma faculdade natural, biológica, de construir signos, e que se exercita com algo que é dado de fora: a *langue*. Assim, para Saussure, separando a *langue* da *langage* se separa “aquilo que é social daquilo que é individual” (CLG/III¹⁶: 189, em Saussure 1993).

Na parte do III Curso que deveria ter se intitulado *Faculté et exercice du langage chez l'individu* (e que não será realizada), Saussure anuncia querer ocupar-se do indivíduo para observar *le jeu du langage*:

Resta, no entanto, ocupar-se do indivíduo porque é claro que é mesmo a cumplicidade de todos os indivíduos que cria os fenômenos gerais. É necessário, conseqüentemente, dar uma olhada no jogo da linguagem do indivíduo. Essa execução do produto social por parte do indivíduo não retorna no objeto que definimos. Esse terceiro capítulo mostra, por assim dizer, aquilo que está embaixo, o mecanismo individual que não pode deixar de repercutir ao final, de um jeito ou de outro, no produto geral, mas que não pode misturar-se, no estudo, com o produto geral, que é separado do próprio produto (CLG/III: 193, em Saussure 1993).

O mecanismo individual, a *parole*, é a manifestação da faculdade natural da linguagem e repercute sobre o produto geral (a *langue*). Nessa perspectiva, pode-se vislumbrar o espaço teórico de uma linguística da *parole* (ou, talvez, uma linguística do *discours*) no qual se levaria em consideração a “*langue discursive*” no seu “jogo” produtivo (Arrivé 2007: 116).

A distinção entre *langue* e *parole* parece, portanto, menos central em relação àquela entre *langue* e *langage*, com a qual inicia-se o próprio curso:

há, em cada indivíduo, uma faculdade que nós podemos chamar de **a faculdade da linguagem articulada**. Essa faculdade nos é concedida através dos órgãos, e depois do jogo que podemos obter por estes. Mas não é senão uma faculdade e seria materialmente impossível exercitá-la sem uma

¹⁶ CLG/III = *Troisième cours de linguistique générale* (Terceiro curso de linguística geral), cf. SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale. Premier et troisième cours* (d'après les notes de Riedlinger et Constantin), texte établi par E. Komatsu. Collection Recherches, Université Gakushuin, n.24, 1993 (N. E.).

outra coisa que é dada ao indivíduo de fora: a *langue* (CLG/III: 188, em Saussure 1993).

No exercício da faculdade da linguagem surge o indivíduo, o sujeito falante.

Sustentamos como a concepção saussuriana não rompe a relação entre mente e linguagem. Na verdade, a importância da psicologia nos fenômenos linguísticos não é sequer subestimada por Saussure para quem: “no fundo, tudo é psicológico na *langue*, incluindo as suas manifestações materiais e mecânicas, como as mudanças de som” (Saussure 1967: 16). Reconstruir as ligações com a psicologia contemporânea e a respectiva terminologia torna-se, portanto, uma exigência irrenunciável e muito complexa: pensa-se apenas no quanto é difícil isolar a terminologia semântica de Saussure.

Um verdadeiro quebra-cabeça é o termo *psychique* (usado em contextos diversos em relação ao termo *psychologique*). Trata-se de um termo que se refere a aspectos biológicos do sujeito falante? Fadda (2006: 68) tenta interpretar o termo **psíquico** como “mental” e **psicológico** como “cognitivo”. Deste modo, as duas partes do signo seriam igualmente “psíquicas” e, portanto, mentais, enquanto quando no CLG lê-se que “tudo é psicológico na *langue*”, Saussure aludiria a fatores cognitivos. Neste sentido, criar-se-ia um perfil de uma psicologia individual (**psíquico**, baseado, principalmente, no I Curso) que se distinguiria de uma psicologia social (**psicológico**). O termo *psychologique* aludiria à interface *langue-parole* e ao modo no qual o sistema da *langue* torna-se efetivamente disponível ao falante no momento do uso. Mas esta chave de leitura nem sempre funciona porque a terminologia, neste contexto, é muito instável¹⁷. O ponto inequívoco é que Saussure indica a psicologia social como a disciplina dentro da qual situar a semiologia.

¹⁷ No CLG lê-se: “Os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos [*psychiques*] e são unidos no nosso cérebro por um vínculo de associação” (Saussure 1967: 83). Nas anotações dos estudantes não encontramos o termo *cerveau* em conjunto com o de *psyquiche* (que, em outro lugar, usa): o pensamento (*psyquiche*) não seria de natureza cerebral e biológica. Seria necessário, então, estudar o campo semântico da palavra *cerveau* (ausente nos léxicos de Godel e Engler, mas presente no CLG/D e nos SLG), que, ao invés de um mapeamento da noção de ‘sujeito falante’, assume um evidente destaque; na nota para um artigo sobre Whitney (Saussure 2002: 212) lê-se que a “faculdade da linguagem é absolutamente localizada no cérebro”.

3.1 Os juízos de identidade e o sentimento do sujeito falante

A *langue* não é o objeto exclusivo da linguística, mas, longe de ser um objeto autônomo e uma espécie de hipóstase abstrata, ela se determina somente na perspectiva do sujeito falante que assume o papel de “fiador” epistêmico, que dá uma base aos valores e às identidades linguísticas: “o que é real é aquilo que os sujeitos falantes têm algum grau de consciência” (CLG/E, 2779 N7, em Saussure 1967-1974; cf. também *ivi*, 126.7 N9.I)¹⁸. O limite do comparativismo de Bopp é exatamente aquele de emprestar às línguas um corpo e uma existência imaginários “para além dos indivíduos falantes” (Saussure 2002: 129), enquanto “A conquista destes últimos anos é a de finalmente ter colocado [...] tudo aquilo que é a linguagem e a *langue* na sua verdadeira sede exclusivamente no sujeito falante como ser humano e social” (*ivi*: 130).

Como vimos, a *langue* é concreta quando representa aquilo que está presente na consciência dos sujeitos falantes; do contrário, se se divide esta ligação, a *langue* é abstrata, é válida apenas para o linguista (Saussure, em Godel 1957: 2II). A individuação das identidades linguísticas tem sua base de legitimação nos juízos dos sujeitos falantes: “o método é simplesmente de observar, de considerar como real aquilo que a consciência do sujeito da *langue* reconhece, ratifica, e como irreal aquilo que ela não reconhece” (CLG/E, 2165 IIR, em Saussure 1967-1974). Em “Sobre a essência dupla da linguagem”, Saussure alude à ligação entre *langue* e sujeito falante, colocando-os em uma relação de inextricável equivalência: “a *langue* (isto é, o sujeito falante)” (Saussure 2005: 37).

Saussure se refere repetidamente à consciência, mas também à *impression*, ao *esprit*¹⁹ do sujeito falante (CLG/E, 2779 N7). Um papel específico é cumprido pelo **sentimento** do falante que é ligado à consciência linguística (CLG/E, 2779 N7) e à sincronia: “Lembremo-nos que tudo aquilo que está no sentimento dos sujeitos falantes é um fenômeno real” (CLG/E, 3293.3.10 N7, em Saussure 1967-1974).

Retomaremos a discussão sobre o sujeito falante abordando a distinção entre análise subjetiva e análise objetiva (cf. abaixo, seção 3.2), levando em consideração

¹⁸ “Ce qui est réel c’est ce dont les sujets parlants ont conscience à un degré quelconque” (CLG/E, 2779 N7, em Saussure 1967-1974). A entidade linguística “existe apenas porque nós a declaramos idêntica a si mesma” (CLG/E 126.7 N9.1, em Saussure 1967-1974).

¹⁹ O termo *esprit*, frequentemente utilizado por Saussure, e em geral traduzido como “mente”, tem na tradição linguística francesa “uma acentuada acepção intelectual, cognitiva, que é, contudo, fraca nas traduções italianas” (De Mauro, em Saussure 2005: 9).

tanto uma linha teórica que vai de Ribot a Bally quanto a perspectiva fenomenológica desenvolvida por Pos e Merleau-Ponty. Um ponto problemático que surge nessas reflexões encontra-se na avaliação de quanto o sentimento do falante indica um tipo de conhecimento especificamente perceptivo (cf. D’Ottavi 2010; abaixo, seção 3.5), ou de quanto seja uma ponte entre lógica racional e lógica afetiva (Bally e Mauss), ou entre semiótico e semântico (Benveniste).

3.2. Análise subjetiva e objetiva: ponto de vista do falante e do gramático

Saussure distingue entre “a **análise subjetiva** dos próprios sujeitos falantes (a única que importa!) e **análise objetiva dos gramáticos**” (CLG/E, 2760 IR2-65, em Saussure 1967-1974). Esta diferenciação, que remete ao primeiro curso, visa mostrar a incomensurabilidade dos dois pontos de vista sobre a *langue*. A tarefa atribuída ao linguista é aquela de inserir-se o máximo possível no ponto de vista do sujeito falante, abandonando o ponto de vista histórico: “A palavra é como uma casa da qual foram alteradas por diversas vezes a disposição interna e a finalidade. A análise objetiva totaliza e sobrepõe essas distribuições sucessivas; mas, para quem mora na casa, há apenas uma” (Saussure 1967: 224).

A análise subjetiva efetuada pelos falantes não pode se confundir com aquela objetiva fundada sobre a história da forma sígnica: “Em uma forma como o grego *híppos*, o gramático distingue três elementos: uma raiz, um sufixo e uma desinência (*hípp-o-s*); o grego a percebe como somente duas (*hípp-os*)” (ivi: 223).

Mesmas considerações em relação à forma alemã *kalbir* (no qual *-ir*, originariamente parte do tema da palavra, vem reinterpretado como desinência do plural) que ilustra bem a diferença entre análises objetiva e subjetiva: “Isso é historicamente falso, e isso é correto pela morfologia da época em questão. A vida da *langue* é feita destes equívocos” (Saussure 2002: 185). O gramático é, muitas vezes, tentado a ver os erros nas análises espontâneas da língua em questão; na realidade, a análise subjetiva não é mais falsa que a “falsa” analogia, afirma Saussure (1967: 223). Na verdade,

A *langue* não erra: o seu ponto de vista é variado, só isso. Não há uma medida comum entre as análises dos indivíduos falantes e a histórica, embora todos usem o mesmo procedimento: o confronto de séries que apresentam um mesmo elemento. As duas análises se justificam, e cada uma conserva o próprio valor; mas, por fim, é a dos sujeitos a única que importa, visto que é baseada diretamente sobre os fatos de *langue* (Saussure 1967: 223).

Justamente nesse propósito Saussure retoma uma questão de método e se põe em posição crítica contra a velha escola de Bopp “que dividia as palavras em raiz, temas, sufixos etc e dava a estas distinções um valor absoluto” (ivi: 224). Ao ler Bopp, acreditar-se-ia que os gregos teriam levado consigo, desde a antiguidade, uma bagagem de raízes e sufixos e “que falando se dedicassem a confeccionar as suas palavras” (ivi: 22)²⁰.

O ponto de vista do falante parece se unir à perspectiva sincrônica: “A sincronia não conhece senão uma perspectiva, aquela dos sujeitos falantes” (ivi: 110). A ‘língua viva’ é ligada à análise subjetiva e apenas nesta pode-se inserir o sentimento do sujeito falante introduzindo, assim, um princípio da positividade da natureza puramente diferencial e negativa da *langue*. As ‘línguas vivas’ não podem, na verdade, ser submetidas a análises objetivas como àquelas de Bopp sobre a base das quais os neogramáticos podem afirmar que “radicais, temas, sufixos são puras abstrações do nosso espírito”. E é apenas a partir da análise subjetiva que se pode levar em consideração o ponto de vista objetivo. Por outro lado, “uma palavra não existe realmente, de qualquer ponto de vista que se observe, senão graças à sanção que recebe de momento em momento da parte daqueles que a utilizam” (Saussure 2005: 94). E é por isso que um sujeito plural e comunitário que exercita tal sanção põe em questão a intervenção do fato social.

Béguelin (2009: 27) observa como Saussure por um lado incita o linguista a identificar-se com a coletividade do falante, do outro dá ao sujeito falante uma atividade análoga àquela de um comparatista. Béguelin (2009) considera, na verdade, que as fontes da noção de sujeito falante devam ser buscadas na própria linguística comparada e, mais especificamente, na figura do comparatista. É através do método comparativo, e pensando no estatuto das entidades reconstruídas, que Saussure teria sido induzido progressivamente a caracterizar o objeto principal da linguística como

²⁰ Nessas palavras ecoa o ensinamento de Bréal e dos neogramáticos, ou seja, o princípio de uniformidade das evoluções linguísticas com base na qual não necessita atribuir “aos períodos antigos da *langue* nenhum processo, nenhum fenômeno que não seja constatável atualmente” (Saussure 1967: 224). Afirmando a uniformidade do desenvolvimento linguístico, Bréal rompe a distinção entre dimensão extra-histórica e dimensão histórica das línguas feita por Schleicher.

um fato abstrato constituído pela identidade de execuções diversas. O estatuto epistemológico da *langue* se pareceria com aquele de uma língua reconstruída, concebida nos valores do indo-europeísmo²¹. Essencialmente, as observações de Béguelin desenvolvem o problema da relação subsistente entre *conscience du sujet parlant* e *savoir du linguiste* e, então, entre saber epilinguístico (não localizado por si só na representação) e saber metalinguístico (“isto é, representado, construído e manipulado enquanto tal”; cf. Aurox 1999: 15). Saussure parece encobrir uma tomada de distância do locutor em uma passagem na qual afirma que as unidades linguísticas não são dadas a priori, mas necessitam de um esforço pavimentado de hesitações, de meios de análise, de *flottements* (*CLG/E*, 2602 IR2, 64), evocando, assim, a importante questão da competência metalinguística (cf. abaixo, seção 3.3). O linguista deve colocar-se na perspectiva da consciência dos sujeitos falantes e, por isso, basear-se em “uma análise mais psicológica do que lógica, e não fazer uma análise que supõe uma reflexão” (*CLG/E*, 2823 IR2, 43, em Saussure 1967-1974). Apenas a criação analógica, muito analisada no CLG, parece mostrar como “a análise involuntária” dos locutores coincide com a dos gramáticos (ivi, 2588)²².

3.3. O plano da pós-elaboração

Em “Sobre a essência dupla da linguagem”, Saussure usa o termo ‘integração ou pós-meditação-reflexão’ (ou também ‘pós-elaboração’) para identificar a perspectiva do falante em relação à própria atividade linguística, delineando assim o

²¹ Para Béguelin (2009), a ruptura epistemológica saussuriana remontaria o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1878 [1879]) e consistiria em aproximar a perspectiva do linguista àquela do sujeito falante, o qual seria capaz de colher o estado recíproco dos termos que constituem a *langue*. O comparatista, escreve Béguelin (ivi: 20), não tem a possibilidade de atingir uma “divisão legítima”, na condição de identificar-se com o sentimento gramatical instintivo de uma coletividade dada. Saussure vai elaborando a questão de maneira mais articulada fundindo os dois pontos de vista: por um lado, o linguista junta-se ao sujeito falante graças à rejeição da análise objetiva; por outro lado, o sujeito falante será assimilado ao comparatista através do exercício obrigatório do juízo de identidade (ivi: 29). Nesta incompatibilidade e “não sobreposição” das análises do gramático e do falante, Vallini (1990: 16-19) entrevê a fonte do “drama do pensamento” que marcou o percurso intelectual saussuriano.

²² O problema reverbera sobre a questão do papel do inconsciente nos fatos linguísticos (cf. seção 4.3). Béguelin (2009: 27) critica Coseriu (1988: 188-189), o qual sustenta, como em Saussure (*CLG/E*, 1222), que a competência linguística seja uma capacidade totalmente inconsciente, negligenciando, porém, outro lado, onde, ao contrário, Saussure fala de diversos graus de consciência (*CLG/E*, 1203 IIIC). Para Coseriu (1988: 191), o saber linguístico em Saussure não é um saber individual, mas um saber coletivo que se pode recuperar apenas na massa falante. Para Coseriu (ivi: 192), é essa uma solução de compromisso que confunde saber inconsciente e saber intuitivo.

ponto de partida de toda consciência metalinguística, inclusive a do linguista. A tomada de consciência das unidades de *langue* deve ser colocada em relação com a atividade de abstração e de integração realizadas pelo falante enquanto fala: o plano da ‘pós-elaboração’ é aquele em que ocorre uma integração progressiva dos valores das unidades puramente diferenciais e dos seus valores dispersos no sistema (Saussure 2005: 101; cf. *ivi*: 101 nota 128). De fato:

uma forma é uma figura vocal que pela consciência dos sujeitos falantes é determinada, isto é, a um tempo existente e delimitada. Não é nem mais, nem menos. Ela não tem necessariamente “um sentido” preciso; mas é percebida como aquilo é, que, na verdade, não será mais, ou não será mais a mesma coisa, se mudasse aquela que é a sua exata configuração (Saussure 2005: 34).

O falante não é necessariamente capaz de descrever o ponto de vista que sustenta a própria atividade linguística, mas o Saussure dos inéditos parece aludir, através das noções de ‘integração’ e de ‘pós-meditação-reflexão’²³, ao exercício de uma capacidade reflexiva sobre o próprio falar (De Mauro, em Saussure 2005: XIX):

Em cada signo existente vem, portanto, INTEGRAR-SE, pós-elaborar-se um valor determinado [...] que nunca é determinado senão pelo conjunto dos signos presentes ou ausentes no mesmo momento; e, como o número e o aspecto recíproco e relativo desses signos mudam de momento a momento de modo infinito, o resultado dessa atividade, para cada signo e para o conjunto, muda também a cada momento em uma medida não calculável (Saussure 2005: 101).

Embora uma palavra seja de natureza relacional e negativa, ela configura valores positivos: **apesar de nós**, na nossa atividade de locutores, somos levados a considerá-la como uma entidade positiva, talvez porque toda palavra pode ser objeto de uma atividade adicional de pós-meditação (De Mauro, em Saussure 2005: 101). Ela parece envolver o uso metalinguístico reflexivo, contrapeso fundamental da extensibilidade permanente do significado (*ivi*: XIX).

Como se sabe, um dos dogmas do estruturalismo se refere à diferenciação e negatividade das unidades que compõem a *langue*. Na *langue* não existem senão diferenças sem termos positivos: todo termo é o que é porque não coincide com o resto. Não há uma diferença entre termos constituídos, mas é a diferença que os constitui. Nesta negatividade que rodeia o falante se insere, contudo, uma capacidade de alavancar as unidades positivas, resultado do colocar em funcionamento a *langue* pelo

²³ Em “Sobre a essência dupla da linguagem” encontramos quatro importantes inovações terminológicas. Ao lado da noção de pós-elaboração, apresentam-se *quaternion*, *parallélie*, *synonymie* (único termo presente no *Lexique* de Engler de 1968). Sobre a noção de *quaternion* cf. Bronckart; Bota (2010: 229).

sujeito que toma a palavra²⁴. O plano da pós-elaboração é aquele em que ocorre uma integração progressiva do valor das unidades puramente diferenciais e das suas relações dispersas no sistema:

Dado que não há uma **unidade** (de qualquer ordem e de qualquer natureza que se imagine) que se apoie sobre outra coisa senão sobre **diferenças**, na verdade, a unidade é sempre imaginária, a própria diferença existe. Todavia, somos forçados a prosseguir com a ajuda de unidades positivas, sob pena de ser desde o princípio incapazes de controlar a massa dos fatos (Saussure 2005: 94 [ED²⁵, § 29b]. Cf. também Saussure 2005: XIX-XXIV, 26 nota 33).

Essas unidades positivas são fruto do exercício da especial habilidade metalinguística de ‘pós-meditação-reflexão’ que, através da reificação das formas linguísticas, eleva-as da sua circulação primária, permite o reuso, a nova integração no contexto linguístico concreto (D’Ottavi: 2010). Essa atividade integrativa ‘pós-meditativa’ se articula em dialética com a tendência à mutabilidade e ao *flottement* dos signos linguísticos. Tanto a oposicionalidade dos signos quanto a pós-elaboração são independentes da vontade, ou seja, fora do controle consciente do falante, mas enquanto a oposicionalidade é propriamente mecânica, a pós-elaboração catalisa a consciência linguística em torno das unidades positivas (Saussure 2005: 94).

3.4. Sistema vs jogo dos signos

No CLG, a noção de valor permitia estabelecer a primazia do sistema em relação ao signo tomado isoladamente enquanto “uma palavra encontra-se sempre, antes de tudo, membro de um sistema”. Se se partisse, de fato, dos signos individuais para deduzir o sistema, então isso significaria hipotetizar que os termos teriam, precedentemente, um valor absoluto (CLG/E, 1816 IIIC). O sistema não é, porém, apenas o lugar das diferenças mas, como se lê no capítulo dedicado à arbitrariedade absoluta e relativa, também dos fenômenos de motivação que delimitam o campo do arbitrário (CLG/E, 2105 N23.5). A este respeito, são muito interessantes as considerações finais do terceiro curso, no qual, junto à dimensão negativa e diferencial das unidades linguísticas, emergiria uma dimensão, por assim dizer, “positiva” dos termos:

²⁴ Ao final do capítulo sobre valor linguístico, Saussure considera a positividade do signo da sua totalidade (Saussure 1967: 166; cf. Arrivé 2007: 72).

²⁵ ED = *De l'essence double du langage* (Sobre a essência dupla da linguagem) (N. E.).

na *langue* não existem senão diferenças **sem termos positivos** [...]. Mas dizer que tudo é negativo na *langue* é verdade somente em relação ao significado e ao significante tomados separadamente: a partir do momento no qual se considera o signo na sua totalidade, encontramos-nos em presença de uma coisa positiva na sua ordem (Saussure 1967: 146-147).

Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinados com uma série de diferenças de ideias. Essa, colocada em relação de duas séries diferentes, gera um sistema de valores positivos. Se poderá falar, então, de oposições entre termos e, por isso, não se poderá manter o postulado na negatividade, por causa deste elemento positivo gerado pela combinação (CLG/E, 1948, IIIC). Esta positividade diz respeito à existência de reagrupamentos entre signos (por ex. as relações associativas e sintagmáticas) que os falantes usam em contextos determinados.

A noção de sistema “*où tout se tient*”, noção chave do estruturalismo, já havia sido redimensionada pela abordagem interpretativa de De Mauro (1965) quando afirmava a natureza aberta e dinâmica do sistema linguístico, no qual tempo e massa falante devem ser considerados fatores internos. Nos escritos inéditos, esta noção aparece ainda mais enfraquecida, e emerge, para usar as palavras de De Mauro (em Saussure 2005: XXII-XXIII), uma “noção local de sistema” nos termos da qual a identificação de uma forma não deve passar através da identificação da totalidade de suas relações com todas as unidades linguísticas do mesmo sistema. O uso e a compreensão de uma palavra não implica a reconstrução da imensa rede de correlações sistêmicas das formas coexistentes, mas mais limitadamente uma referência regional ou local às formas coexistentes mais aproximadas à forma em questão, aquelas mais próximas a esta no “*jeu de signes appelé langue*”. O locutor custaria a dominar a complexidade de uma referência ao inteiro sistema de significantes e dos significados (*ibid.*). Na verdade: “Uma figura vocal se torna uma forma a partir do instante crucial no qual ela se introduz no jogo dos signos chamado *langue*” (Saussure 2005: 36).

A forma evoca outras formas, mas não a sua totalidade sistêmica, nem as capacidades biocognitivas do sujeito falante são capazes de gerenciar a complexidade total do sistema. Como escreve De Mauro (*ibid.*), essa noção de jogo dos signos tem consonância com as notáveis considerações de Wittgenstein pelo qual o *jeu linguistique appelé langue* parece configurar uma alternativa à noção de sistema e de organismo ou pelo menos uma versão fraca sua. Mas a noção de **jogo dos signos** oculta o papel dos sujeitos falantes? São os signos que jogam entre si (genitivo

subjetivo), ou é a *langue* que joga com os signos, ou somos nós? (Fadda 2010a: 112). Com base nas considerações desenvolvidas, creio que a noção de **jogo** põe em causa o papel dos falantes e do contexto pragmático e social. Aludindo a uma perspectiva de “holismo local” (intermediária entre o atomismo semântico e o holismo), no qual o significado de um termo é delimitado por outros termos no interior de uma mesma esfera ou domínio conceitual, se apresentam os sistemas regionais criados e recriados pelo falante em determinados contextos. Por isso a dimensão local ligada à noção de **jogo** se fixa em um contexto situacional. Parece-me útil sinalizar como a noção de **jogo** evocada por Saussure em ‘Essência dupla’ pode ser rastreada também no CLG em relação à faculdade de linguagem (cf. seção 2.2 e 6) e à atividade de aprendizagem da *langue*: “o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer o jogo; a criança assimila pouco a pouco” (Saussure 1967: 24)²⁶.

3.5. O sujeito receptor e interpretante

A descrição do ato comunicativo individual proposta no célebre circuito da *parole* em forma de uma cadeia de conexões entre cérebros, bocas e ouvidos, pareceria sugerir um modelo linear nos quais o papel do locutor e do receptor seriam simétricos, paradoxalmente como nos modelos da comunicação concebido anos depois por Shannon e Weaver. O sujeito receptor pareceria assumir um papel totalmente mecânico e simétrico àquele do falante. Mas se recuperamos alguns nós teóricos saussurianos, podemos subverter esse ponto de vista: a sinonímia infinita e a variabilidade dos sentidos e das fonias carregam o sujeito falante e receptor de um trabalho criativo, não calculável, que deixa transparecer uma estratégia probabilística da compreensão nos quais entram em jogo diversos fatores. No encontro entre entidades concretas da *langue* e o sujeito interpretante ou receptor, este último não tem condições de assumir o universo das formas e das relações coexistentes no sistema inteiro (De Mauro, em Saussure 2005: XXIII). Como sustenta D’Ottavi (2010), o

²⁶ A este respeito, Amacker (2001: 16) distingue entre a *langue* semiológica (isso é, como sistema de signos definidos pela semiologia) e a *langue* como instrumento individual adquirido pelo falante devido às interações sociais em que seria reconhecível aquela *organisation prête pour parler* que, segundo Engler (1995: 41), definiria a componente icônica presente nas línguas, isto é, a atividade de psicologização e motivação do signo operada pela consciência do sujeito falante.

trabalho exigido a *Monsieur B*, o interlocutor de *Monsieur A*, não é redutível a uma simples operação de decodificação para diversas ordens de questões:

- a) na memória “os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido, nem em uma ordem determinada” (Saussure 1967: 152). Esta nuvem de associações imprevisíveis obriga o sujeito interpretante ao exercício da atenção e da inteligência necessária para reconstruir a rede de associações que definem o sentido de uma forma. Essa tarefa é ainda mais complicada pelo fato de que Saussure se refere não só às associações linguísticas da *langue*, mas também às associações mentais individuais²⁷ (cf. abaixo, seção 4);

- b) em “Sobre a Essência dupla da linguagem”, a noção de **sinonímia** é ligada à de “sinonímia infinita” e “sinonímia negativa” (Saussure 2005: 83, 87): estas noções implicam o ponto de equilíbrio máximo entre o caráter opositivo e negativo dos elementos linguísticos e a abertura das redes de oposições, que se apresentam em um simples ato de *parole*, ao domínio incalculável dos sentidos possíveis. Precisa, por isso, reconhecer que a sinonímia de uma palavra é, em si própria, infinita, na medida que a palavra seja definida em relação a uma outra palavra (Saussure 2005: 87)²⁸. A abertura semântica do signo linguístico tem lugar no ato de *parole* em relação aos sentidos que são postos em causa negativamente porque esses se opõem seja ao sentido do signo utilizado seja aos sentidos que por sua vez se opõem a esses últimos (Saussure 2005: 88-89; Russo Cardona 2005: 304). Portanto, a abertura do significado das palavras é, ao menos em princípio, infinita e pode estender-se em modo plástico em direções imprevisíveis, estabelecidas localmente a cada momento naquilo que Saussure chama *jeu de signes*;

²⁷ Lembremos de ‘relações paradigmáticas’ na reformulação de Hjelmslev (cf. abaixo, seção 4.2). Em *ED*, uma noção semelhante aparece com os termos *parallélie* e *parole* potencial (em oposição à ‘sintagma’ como ‘*parole* efetiva’; Saussure 2005: XVII, 66-68, nota 82).

²⁸ Dentro desta capacidade do locutor se pode colocar a *loi de répartition* de Bréal, lei renomeada ‘princípio do contraste’, que reflete um princípio pragmático e de economia com base no qual o sujeito falante não aceita que dois sinônimos sejam absolutos.

- c) finalmente, Saussure é ciente da extensão do campo das possíveis realizações das fonias e das significações, quando evoca *flottements*²⁹ e *novations* dos quais transborda (“lateja”, Saussure 2005: 125) a *langue* e sobre quais o ouvido e o *esprit* do falante são chamados a operar suas distinções antes das próprias associações.

Por isso, o destaque dos aspectos pragmáticos da comunicação, em detrimento dos aspectos sistêmicos, aparece como um tributo à figura do sujeito (falante e, nesse caso, interpretante) que, indivíduo biologicamente determinado e, por isso, dotado de habilidades limitadas, exercita a sua pressão sobre a *langue* dotando-a de uma organização sistêmica apenas tendencial que, do outro lado, invalida a opção linear e progressiva da compreensão (D’Ottavi 2010).

Um outro aspecto relativo à recepção linguística se conecta ao ato de *parole*. Esse é anterior à fixação da *langue* (“não tem nada na *langue* que não tenha entrado – direta ou indiretamente – pela *parole*; CLG/E, 344 IIC, em Saussure 1967-1974) e, portanto, na *parole* parece que o momento receptivo tem prioridade:

Assim como nós escutamos, nós **falamos**. Sim, Senhores, sem dúvida, mas nunca senão a partir da impressão acústica não apenas recebida, mas recebida em nosso espírito e que é somente soberano para decidir aquilo que nós executamos. É ela que dirige tudo, é suficiente considerá-la para saber que essa será realizada (Saussure 2002: 247).

Do ouvido ao *esprit*, e daqui aos órgãos fonatórios: o gatilho ideal do circuito da *parole* deveria ser, por isso, elevado. O ponto de partida será, então, exatamente o ouvido: é o som **ouvido**, e não o som **pronunciado**, que se apresenta em primeiro lugar ao sujeito; é em função da sua assunção à **imagem acústica** que o som começa a adquirir valor linguístico.

A consequência extrema desta posição relacionaria, segundo D’Ottavi (2010: 89-90), o estatuto saussuriano da consciência do falante que, antes ainda de identificar-se com juízo de realidade da entidade linguística (cf. abaixo, seção 3.1), se colocaria em sua atitude receptiva³⁰, recebendo o impacto acústico: o sujeito falante,

²⁹ “A latitude que existe no seio de um dos valores reconhecidos pode ser denominada ‘flutuação’. Em cada estado de *langue* se encontram ‘flutuações’” (Saussure 2005: 33).

³⁰ “As primeiras impressões que recebe o espírito [...] são as que estabelecem as relações mais inesperadas entre coisas totalmente separadas, assim como tendem continuamente e, sobretudo, a dividir coisas absolutamente unidas. Assim, por exemplo, a mesma impressão que faz um objeto material não tem o poder de criar uma única categoria linguística: nunca houve, portanto, nada além de termos negativos em cada um dos quais o objeto é abraçado em modo incompleto, enquanto, ao mesmo tempo, é deslocado sobre mais termos” (Saussure 2005: 85-86).

aquele que temos chamado o “fiador epistemológico” da perspectiva saussuriana, se determinaria, em primeiro lugar, pela sua sensibilidade. Seria, então, aquele “*sentiment de la langue*” (cf. seção 3.1) o ato positivo que modela as imagens acústicas em função linguística: “a cada momento da sua [da *langue*] existência, não existe linguisticamente nada além daquilo que é percebido pela consciência, vale dizer aquilo que é ou que torna signo” (Saussure 2005: 46).

Nesta perspectiva, a espécie linguística tem origem na impressão acústica: o som percebido (e recebido como traço psíquico no *esprit*) define a raiz acústica da consciência do falante³¹. Mas o que está na base do tema do receptor em Saussure, o que parece interessá-lo principalmente, é a validação que, de vez em vez, a estrutura continuamente **renovada** e intrinsecamente **flutuante** da *langue* recebe nos *jeux de signes* em que o falante toma parte; esses *jeux de signes* são instituídos e regidos não apenas pelo próprio *Monsieur B*, mas pela comunidade inteira de *Messieurs* no “jogo dos signos, por meio das suas diferenças em um dado momento” (Saussure 2005: 31).

4 MEMÓRIA E GRAUS DA CONSCIÊNCIA

Ao longo da segunda metade do século XIX, observa-se uma proliferação de estudos sobre a memória que prefiguram muitos desenvolvimentos contemporâneos. Existem pelo menos três direções de estudo que maturam todos no mesmo período de tempo e que exercem de modo diferente uma influência sobre a reflexão linguística e semântica: 1. estudos neurológicos sobre a colocação dos vários tipos de memória; 2. estudos experimentais sobre o ato de recordar; 3. a chamada psicodinâmica da memória (cf. Hacking 1995: 279-282). Esse debate emaranhado constitui um panorama muito denso que vê empenhadas a filosofia, a psicologia e a psicanálise para compreender os significados, sejam evidentes ou ocultos, e as neurociências

³¹ O valor do ‘*fait acoustique*’ como primitivo linguístico que está na base da consciência do falante e a ideia da *langue* como forma parece descender diretamente do papel que a esta é atribuído na tarefa da articulação da substância sonora: “a delimitação dos sons na cadeia falada pode, portanto, basear-se apenas sobre a impressão acústica” (Saussure 1967: 55). Não é por acaso, talvez, que Saussure confronta as unidades acústicas da *langue* àquelas de uma composição musical. Em ambas, é fundamental a ligação com o tempo: “O mesmo, aliás, acontece para cada entidade ‘acústica’, porque essa é submetida ao tempo; 1º leva um ‘tempo’ para realizar-se; e 2º cai no nada depois desse tempo” (Saussure 2005: 27). A comparação não coloca em foco, simplesmente, o plano da execução, mas uma execução específica que vive de forma evanescente em um dado tempo e para sujeitos capazes de impressões acústicas.

envolvidas para determinar a realidade natural do cérebro (Oliverio 1995: 8; Di Francesco 1996: 43; De Palo 2001a; 2001b).

4.1. O associacionismo e os modelos localizacionistas

A escola associacionista, na sequência de Hume, se desenvolveu no século XIX através de John Stuart Mill e Alexander Bain, os quais exerceram uma notável influência sobre os iniciadores da psicologia científica. Segundo a teoria da **química mental**, de Stuart Mill, as ideias simples, no construir das ideias complexas, se comportam como os elementos da química quando se unem entre eles para formar um composto (Formigari 2001: 230; Picardi 1994: 198-200). Essa teoria e seus corolários circulam na literatura da neuropsiquiatria localizacionista de Wernicke, que constituiu uma intermediação com a obra dos linguistas da época, os quais derivam muitos termos e metáforas justamente desse contexto de estudos. Por outra parte, a faculdade da linguagem, apontada por Broca, é a primeira função cortical localizada cientificamente no modelo associacionista (Morabito 2004: 35; cf. também seção 2.2). Poucos anos depois as descobertas de Broca sobre as afasias motoras, Carl Wernicke descreveu um outro tipo de afasia (a afasia sensorial) hipotetizando as áreas específicas em que são codificadas as memórias, isso é, as experiências sensoriais de base (e não das faculdades mentais, como queria a velha frenologia de Gall) que, no caso da linguagem, implicariam dois tipos de memória, motora e sensorial. Na base da concepção empirista do pensamento como resultado de associações entre experiências sensoriais e respostas motoras, Wernicke coloca-se o objetivo de seguir os modos, as vias e as sedes através das quais se formam as associações, delineando uma espécie de cartografia da mente (Oliverio 1995: 25-62). Wernicke identifica o centro sensorial das imagens auditivas, a sede dos *Lautbilder*, termo steinthaliano também retomado por Saussure (que, aliás, utiliza também o termo **representação**) na *image acoustique*. *Lautbild* não indica o som material mas, como depois no CLG, o traço psíquico do som (Wernicke 1874: 5, em Jäger 2001: 327)³².

³² O ensaio de Lichtheim, de 1885, resume o panorama de estudos deste âmbito.

4.2. Memória e fragmentação do eu

Na sequência dos trabalhos de Charcot se difunde na França, com Taine e Ribot, a abordagem psicodinâmica da memória que chega à noção de **personalidade múltipla** e à psicanálise freudiana. A crítica iniciada na França por Taine, Ribot e Bergson à psicologia metafísica tradicional, ancorada na ideia de que exista um eu perfeitamente uno, simples e idêntico, que leva à psicodinâmica da memória e à possibilidade de conceber uma pessoa humana como um aglomerado de memórias reunidas e, portanto, de diversas séries associativas.

Uma figura chave desse ponto é Ribot que, a partir da adesão à psicologia associacionista inglesa, adota e aprofunda algumas posições positivistas de Taine (1870, vol. I: 7), psicólogo e filósofo de destaque na época, que havia avançado de modo explícito a tese de caráter não-substancialista e não-unitário do eu. Além disso, Ribot (1914: 21) conecta intimamente o problema da consciência e da memória, sustentando uma concepção não-unitária da memória e a hipótese que o eu seja o resultado de uma soma de estados de consciência (ivi: 82-83). A crítica ao conceito unitário de pessoa é efetuada por Ribot soldando a análise da memória e a da consciência e abrindo assim o caminho àquela área de pesquisa que estuda o inconsciente através do hipnotismo e das experiências mediúnicas. A discussão de Ribot (1914), ponto central para os sucessivos desenvolvimentos da psicodinâmica, é também conhecida pelos linguistas da época: V. Henry o cita no *Langage martien* (1901), e Bréal (1897) no capítulo sobre polissemia.

Em um artigo de 1974, Lepschy mostrava como na vida intelectual genebrina dominavam as figuras de dois psicólogos: T. Flournoy³³ e É. Claparède. Eles fizeram de Genebra um dos centros mais abertos e vivazes para os estudos de psicologia nos quais as concepções psicanalíticas se tornaram conhecidas e discutidas. É provável que Saussure tenha tido a oportunidade de entrar em contato com os círculos psicanalíticos genebrinos, de conhecer os estudos de Claparède sobre memória, estudos documentados pelos escritos inéditos publicados recentemente nos quais emerge um grande conhecimento de todas as orientações de pesquisa sobre o assunto (Broca, Ebbinghaus, Ribot, Galton) e uma predileção pelos estudos de Binet e de Ribot. Entre as muitas ideias que esses inéditos oferecem, suscitam-nos interesse particular

³³ Flournoy participou das aulas de Wundt em Leipzig nos mesmos anos em que lá se encontrava Saussure.

as páginas dedicadas à memória verbal e às relações associativas (Claparède 1982: 320) uma vez que parecem apresentar muitas analogias com as considerações desenvolvidas por Saussure a este respeito.

No que se refere às relações associativas, Saussure supõe uma faculdade psicológica de associação entre os elementos do signo e as unidades do sistema, referindo-se não apenas às associações linguísticas, mas a “*des groupes associatifs purement mentaux*” (CLG/E, 2039 IIC, em Saussure 1967-1974) que têm sede na mente (*esprit*) dos falantes. São introduzidos, portanto, alguns aspectos mentalistas que abrangem a dimensão individual, corporal e histórica da mente (CLG/E, 2038 IIR). Não é por acaso que Hjelmslev expurga essa conotação psicológica concentrando-se sobre o valor morfológicamente sistêmico dos conjuntos potenciais evocados por Saussure (isto é, eliminando a referência ao trabalho psíquico subjetivo) e prefere usar o termo gramatical **paradigma** para redenominar as relações associativas que apresentam, entre outras coisas, caracteres de forte indefinição: os termos de uma família associativa não se apresentam, na verdade, nem em número definido, nem em uma ordem determinada, e são potencialmente ilimitados.

O uso técnico do termo subconsciente³⁴, na descrição da análise interior operada continuamente pelo falante sobre signos complexos, refere-se à hipótese desenvolvida por Janet, segundo a qual abaixo da consciência se encontra uma outra consciência em que se desdobram os fenômenos subconscientes. Trata-se, na verdade, de uma ideia que abriu o caminho para uma concepção da personalidade humana como acervo de personalidades múltiplas, onde é possível imaginar reunidas associações mentais pessoais e associações ratificadas pelo consenso coletivo (cf. De Mauro 1998: 136, 140)³⁵.

As explorações do inconsciente (cf. abaixo, seção 4.3) revelam a possibilidade de conceber a personalidade humana como um aglomerado de diversas memórias reunidas e, portanto, de diversas relações associativas. Hipotetizar uma coexistência

³⁴ CLG/E, 2817, em Saussure 1967-1974. No primeiro curso, Saussure se refere a uma espécie de ‘análise involuntária’ que acontece através de ‘uma operação subconsciente’ (ivi, 2081 IR; cf. também ivi, 2526 IR; 2064; Amacker 1975: 179).

³⁵ Ver Janet (1897, vol. II: 567, 1889). Janet (1889) classifica as manifestações do automatismo psicológico em dois grupos: automatismo total, processo que se estende ao sujeito no seu todo, e automatismo parcial, em que uma parte da personalidade está separada da consciência e segue um desenvolvimento autônomo, ‘subconsciente’. O mesmo Janet afirma ter cunhado esse termo sobretudo com a intenção de mostrar que ele usava uma abordagem psicológica completamente diferente da concepção metafísica do inconsciente de Von Hartmann, muito em voga naquela época (Ellenberger 1976: 418, 478); cf. Amacker (1975: 179) e Lepschy (1974).

de diversas relações mnemônicas que residem no inconsciente do sujeito falante constitui um ponto teórico fundamental em direção a uma redefinição da natureza do “sentido”, afastando-a da tradicional dicotomia *sens propre-sens figuré*. Além disso, respondem a uma exigência de economia da *langue*, de naturalidade, dado que constituem um vínculo cognitivo que está inserido na *faculté du langage*: sem o mecanismo associativo, sem essa capacidade da mente humana de associar o semelhante, a aquisição e o funcionamento da *langue* seriam caóticos (CLG/E 2038 IIR). Em “Sobre a Essência dupla da linguagem”, o termo *parallélie* (unilaterais e bilaterais) parece ligado à evolução da reflexão de Saussure sobre as relações associativas, mostrando o funcionamento desse mecanismo complexo a partir de um sistema regional que estabelece um subconjunto definido de formas que possuem uma espécie de base de comparação comum, um centro de regularidade local, de similaridades individuadas pelos falantes em contextos determinados.

4.3. Os diversos graus da consciência e a reflexão metalinguística

Saussure afirma reiteradamente o caráter totalmente inconsciente dos fenômenos linguísticos, aderindo, assim, a um ponto de vista muito popular na filosofia das últimas décadas do século XIX e que assume, por exemplo, na reflexão de Janet, o valor de crítica da ciência positivista. No entanto, a ideia que se pode postular a existência de uma vida psíquica inconsciente, sustentada naqueles anos por várias partes (com pressupostos diversos seja na França, seja na Alemanha) fascinou também os linguistas e constituiu um assunto polêmico. O recurso à noção de **inconsciente** parece um convite seja para naturalizar o espírito (já nos organicistas), seja para idealizar a vida social substituindo as práticas efetivas por uma atividade inconsciente do espírito, alheia à história individual e coletiva.

O que é útil recordar aqui é que, da afirmação do caráter totalmente inconsciente do ato linguístico deriva a ideia de que as associações linguísticas presentes na memória do falante sejam de natureza totalmente inconsciente e não intencional, portanto, não reguladas pela vontade individual que agiria, pelo contrário, apenas na *parole*.

Na linguística saussuriana, a noção de **inconsciente** e a de **consciência** estão em uma linha de continuidade (cf. Arrivé 1994; 2007). Saussure afirma a existência de

diversos graus de consciência que regem, em geral, os fatos de linguagem: “a noção de consciência é essencialmente relativa” (CLG/E, 3284, N1.2, em Saussure 1967-1974; Fadda 2006: 104), mas, muitas vezes, a sua reflexão sobre esse assunto é ambígua. Saussure é ciente da natureza paradoxal da práxis linguística; essa pressupõe seres dotados de capacidade de decisão, mas os atos linguísticos são, muitas vezes, semiautomáticos e estão entre os comportamentos nos quais menos intervém a reflexão consciente: “os sujeitos são, em grande parte, inconscientes das leis da *langue*” (Saussure 1967: 90-91; Fadda 2006: 69-70):

Os fatos linguísticos podem passar a ser o resultado de atos da nossa vontade? [...] ora, de todos os atos que se poderia colocar em paralelo, o ato linguístico, se posso chamá-lo assim, tem esse caráter de ser o menos reflexivo, o menos premeditado e, ao mesmo tempo, o mais impessoal de todos. Existe uma diferença de grau, assim conduzida por haver dado a ilusão de uma diferença essencial, mas que, na realidade, é só uma diferença de graus (CLG/E, 3281, N1.1 18, em Saussure 1967-1974; Fadda 2006: 93).

A atividade do sujeito falante apresenta, por isso, diversos graus de consciência que entram em jogo na fundação dos valores e das identidades linguísticas (cf. acima, seção 3.1). A inconsciência pura está a serviço no plano diacrônico nas mudanças fonéticas que, no CLG, são definidas como fenômenos mecânicos (**inconsciente mecânico**); no caso do processo geral da analogia ou da etimologia popular opera, ao contrário, um primeiro grau de consciência (**a vontade inconsciente**), que não é, todavia, plenamente reflexo e do qual não se pode dar uma descrição; enfim, uma reflexão voluntária e consciente é atribuída ao linguista (Fadda 2010b: 285). O que é inconsciente para Saussure diz respeito ao fato de que quem usa uma unidade da *langue*, qualquer que seja, o faz sem torná-la objeto de uma reflexão consciente (Arrivé 2007: 170). Mas precisamente a existência de diversos graus de consciência é a condição de possibilidade da atividade metalinguística (*ibid.*). Como vimos, Saussure alude nos inéditos a um saber nem sempre explicitável do falante, a chamada **pós-elaboração**. A linguagem é, na verdade, uma atividade que pressupõe uma contínua atividade **epilinguística**, termo utilizado por Culioli para indicar a atividade linguística não consciente, um tipo de consciência inconsciente da *langue* do sujeito falante.

A propósito da analogia, fez-se referência a um processo, ainda que subjetivo, de “conscientização” e de avanço da capacidade metalinguística (Russo Cardona 2004:

166)³⁶. Através das relações analógicas, o falante tomaria consciência das relações entre as palavras que são depositadas na parte individual da *langue* (*ibid.*).

Bergounioux (1995: 183) se pergunta “o que sabem os sujeitos”, sustentando que é tarefa do linguista explicitar as relações associativas, “tomar consciência” daquilo que os falantes sabem apenas inconscientemente³⁷. O saber, a competência do falante, não parece realmente explicitável porque o falante não parece sempre capaz de enunciar as regras de *bon usage* na sua língua materna (quer se trate de pronunciar as palavras ou de formar as frases), e não haveria necessidade, portanto, de consultar as regras para expressar-se corretamente na sua língua (Descombes 1995: 82). Existe, em suma, um conhecimento tácito³⁸ no qual as pessoas seguem as regras e agem em função de representações, sem que estas regras e estas representações sejam obrigatoriamente presentes, sob a forma de uma expressão explícita na sua consciência. Um locutor pode julgar uma frase como incorreta sem ser necessariamente capaz de indicar em virtude de quais regras de sua língua a frase em

³⁶ Neste contexto, Saussure se depara novamente com o nível psicológico colocando em evidência a *langage intérieur* (CLG/E, 2526 IR). Saussure une aqui a dimensão coletiva da *langue* à dimensão individual da *parole*: esta operação o leva a hipotetizar o surgimento de um conhecimento metalinguístico a serviço das relações analógicas que, ainda que surgindo a partir das relações depositadas na *langue*, se expressaria criativamente nos atos de *parole*, depois de ser ensaiada, todavia, na *langage intérieur*, ou seja, na dimensão interior da *langue*, intermediária entre *langue* e *parole*, de onde pode nascer uma inovação (Russo Cardona 2004: 167). Dependendo do papel desenvolvido pela dimensão analógica em uma língua, tal dimensão metalinguística seria mais ou menos desenvolvida por todos os falantes daquela determinada língua (Saussure 1967: 202; Russo Cardona 2004: 167).

³⁷ Suenaga (2005: 22) faz referência ao caráter intuitivo da consciência linguística do sujeito falante e teoriza uma assimetria entre sujeito falante (remetente, locutor ativo) e sujeito receptor (passivo, tácito): o sujeito receptor pertenceria à *langue*, enquanto o sujeito falante à *parole* (ivi: 129, 42). Segundo Suenaga (2005: 79) não é por acaso que Saussure localize a sede da *langue* na parte receptora, auditiva e passiva do circuito da *parole*. O signo linguístico é assim recebido através da audição, intuitivamente. Essa intuição linguística (pré-consciente) seria acompanhada, na consciência do falante, da ausência da *langue individuelle*. O problema da *langue individuelle*, segundo Suenaga (ivi: 236), não é realmente colocado por Saussure: o sujeito falante, na verdade, não se dá conta disso, ignora a *langue individuelle* porque parte da crença de que seja ‘uma única língua’ para todos. Nesta ótica, a *langue* seria a consciência linguística do sujeito-receptor, consciência como sentimento, intuição, pré-consciente ou inconsciente (ivi: 237).

³⁸ Em relação à ‘consciência implícita’, as reflexões de Garroni (1998: 50-52) apresentam as assonâncias com aquelas expostas por De Mauro (em Saussure 2005: XIX) em relação à pós-elaboração: “Mas, então, irrepetibilidade e calculabilidade parecem adiar bastante, na sua materialidade, uma polaridade ‘formal’ e ser presentificação (do tipo ‘é assim que é feita a linguagem’) de uma oscilação interna, talvez componível, mas não propriamente ‘eliminável’, daquilo que pode ser dito ‘consciência linguística implícita’ e das tentativas de explicitá-la, ‘na medida do possível’, adequadamente [...]. Em outras palavras e mais exatas: a linguagem é sim a linguagem manipulável que, de tempos em tempos, ‘usamos concretamente’ como um dado instrumento comunicativo que a condiciona ao uso, mas é, ao mesmo tempo, a dimensão-condição à qual pertencemos como falantes (e, portanto, até mesmo como animais humanos) e dentro da qual, por assim dizer, ‘somos todos falados’ pela linguagem na sua totalidade ‘não manipulável’ [...]. Na verdade, é difícil pensar que se é capaz de usar realmente a linguagem sem haver consciência no mínimo implícita, como se disse que se pode precisamente usá-la assim e, ‘ao mesmo tempo’, em todos os outros modos somente possíveis e não determináveis antecipadamente, ou seja, podendo alterar o modo de significar daquilo que já falamos, no mesmo falar cotidiano, nem que seja com o objetivo de melhorá-la, de dizer melhor”.

questão deve ser construída (Descombes 1995: 93). Por outro lado, na noção de inconsciente não é irrelevante a questão da relação entre psicologia e sociologia. Por exemplo, para Durkheim (1996: 18) as representações coletivas escapam à psicologia individual uma vez que são instituições. O ponto em questão é encontrar uma solução entre duas opções: “o caráter cego da história e o finalismo da consciência” (Descombes 1995: 81). A atividade inconsciente do espírito parece fornecer (como estará depois em Lévi-Strauss) a finalidade impessoal em que o sociólogo tem necessidade para se dar conta do simbolismo social conservando a finalidade, mas separando-a do sujeito pessoal: é a noção de uma “atividade inconsciente do espírito”.

4.4. O fantasma do pré-linguístico amorfo

Procuramos colocar em discussão um estereótipo difundido segundo o qual Saussure atribuiria à *langue* todas as tarefas de classificação e categorização, negligenciando as relações entre linguagem e mente. Uma página que alimenta esse lugar comum é aquela famosa sobre valor linguístico e sobre a chamada massa amorfa e indistinta do pensamento (Saussure 1967: 136).

A questão diz respeito às relações entre linguagem e pensamento. Questiona-se se a chamada natureza amorfa do pensamento pré-linguístico ou alinguístico pode ser interpretada como uma espécie de caos desprovido de determinações. Já De Mauro (em Saussure 1967: 439-440) havia esclarecido como Saussure se limitava a dizer que o pensamento é **linguisticamente** amorfo fora da *langue*, isto é, como se fosse organizado segundo as partições estruturais típicas da linguagem verbal, sem negar, porém, um mundo de percepções, ideações etc independentemente das línguas e analisável no âmbito da psicologia. Mas é justamente neste campo, observa Gargani (2007), que as contribuições das modernas ciências cognitivas e da psicologia do desenvolvimento têm mostrado a riqueza do pensamento pré-linguístico das crianças e a relevância das categorizações fundadas perceptivamente para a organização semântica e conceitual dos adultos.

A leitura dos *SLG* mostra como a matéria do conteúdo não deve ser considerada psicologicamente disforme, mas atravessada por veias e linhas de tendência que refletem a nossa constituição sensorial. Nestas notas, aquela que parece emergir não é de fato a ideia que a formatividade do signo linguístico seja de cima para baixo sem

uma relação com a dimensão pré e extra linguística. Parece, pelo contrário, que Saussure vê a rede das oposições entre signos linguísticos instalar-se a partir das *impressions sensoriales* e *comparaisons entre idées* pré-existentes que se repartem localmente entrando, assim, em relação entre si sob a perspectiva da *langue* (Russo Cardona 2007: 178). Portanto, tudo isso não significa que as proporções de conteúdo e de expressão assim individuadas não tenham uma vida extralinguística, mas significa que existem linguisticamente apenas na medida em que entram na rede de distinções que ecoa entre os dois planos linguísticos (*ibid.*). Com base nesta leitura, a raiz da formatividade estaria no horizonte semiótico pré-linguístico e nas mais amplas capacidades distintivas da espécie humana. Fortuna (2007), com base em uma releitura dos inéditos saussurianos, colhe alguns aspectos dessas questões desenvolvendo as noções de **aspecto** e **ponto de vista**. Na óptica saussuriana, aquilo que caracteriza a linguagem e as línguas histórico-naturais é a produção de determinados pontos de vista, ou seja, de determinadas formas de organização do significado que não possuem necessariamente um caráter explícito e consciente. Essa atividade de categorização linguística depende de um processo mais geral que cria um ponto de vista originário para além do qual não é possível ir:

Mas há DESDE O PRINCÍPIO a generalização, e não há nada fora dela: ora, já que a generalização supõe um **ponto de vista** que sirva de critério, as primeiras e mais irredutíveis entidades das quais os linguistas podem se ocupar são já um produto de uma operação latente do espírito (Saussure 2005: 14-15).

De Mauro (em Saussure 2005: 14) comenta este trecho sublinhando “o inevitável caráter psíquico, mental, cognitivo de toda relação com as presumidas entidades concretas”, levando-o à atividade sensorial mais primitiva, visto que “perceber (ou tratar) algo como esse algo envolve o gatilho de um mecanismo mental de identificação, discriminação, abstração (fenomenologia)”. Além disso, nos *SLG*, Saussure amadureceu a acepção positiva da noção de **abstração**, ou seja, a ideia de que a significação, a concreta *parole*, deva passar pelas operações abstrativas da inteligência linguística humana, do *esprit* (De Mauro, em Saussure 2005: XV). A faculdade da linguagem se insere na capacidade do sujeito humano de estabelecer identidades e diferenças. Toda linguagem é a capacidade geral (não apenas linguística) de identificar, diferenciar e associar (tornar pertinente), capacidade que caracteriza toda forma de vida.

Fortuna (2007), referindo-se à neurosemiótica de T. Deacon (cf. De Palo 2006), faz uma proposta interessante: inscrever o sistema linguístico saussuriano dentro de um modelo hierárquico que preveja organizações semiológicas mais baixas (o nível icônico e indexical) em que o nível simbólico se encaixe. Todavia, o encaixe aos níveis precedentes torna a linguagem verbal, escreve Fortuna (2007: 108-109), dependente do contexto não-verbal, no sentido em que os significados, também no seu valor opositivo, relacional, referem-se sempre às situações reais, a interações entre sujeitos, a experiências que podem ser contemporaneamente categorizadas também em níveis mais primitivos. Também aqui abre o caminho para a ideia de que apenas no jogo dos signos, no uso concreto de determinados signos em um sistema de associações e oposições, algo pode adquirir forma sígnica. Decai, portanto, a ideia de que a formatividade do signo linguístico seja independente da relação com a dimensão pré e extra linguística.

Mas por que Saussure usa a metáfora do pensamento como massa amorfa? Um modo de interpretar a questão é sugerido por Gargani (2007), que se reconecta àquilo que muitos teóricos da mente e da cognição defendem hoje: a hipótese de que a linguagem verbal seja responsável pelas formas superiores do pensamento humano e, marcadamente, pelo desenvolvimento das várias formas de pensamento reflexivo e da autoconsciência. O pensamento sem linguagem é possível, se isso significa uma forma de atividade psíquica também rica e diferenciada, capaz de identificar semelhanças e de suscitar associações e paralelismos; o pensamento humano articulado internamente e consciente de si parece, pelo contrário, um produto da linguagem. Trata-se de uma perspectiva bastante coerente com o pressuposto arbitrarista e pluralista de Saussure. O encontro entre o mundo e a mente humana pode dar lugar a uma pluralidade de séries de categorizações. O pensamento, por seu lado, pode construir uma série infinita de associações entre representações mentais. Porém, para dar uma estrutura disponível à consciência e estável a esses conteúdos, é preciso uma estrutura de certo modo externa que lhes permita desenvolver-se e que fixe algum deles de modo a torná-los possíveis objetos de reflexão: “todo termo linguístico é um pequeno membro, um *articulus* em que uma ideia se fixa em um som, e um som se torna signo da ideia” (Saussure 1967: 137). Através das articulações linguísticas, o pensamento toma consciência de si³⁹. Isso acontece no processo de aquisição e

³⁹ Nas fontes manuscritas encontra-se a expressão: “o pensamento toma consciência graças a um som”; os *articuli* “são pequenos membros nos quais o pensamento toma consciência através de um som” (SM,

desenvolvimento do significado por parte das crianças. O papel da representação simbólica na articulação autorreflexiva do pensamento durante o desenvolvimento foi explorado por Vygotski e Piaget. Em particular as teses formuladas por Vygotski (1990), segundo o qual o pensamento consciente deve ser considerado um produto da ação e da linguagem (Bronckart 1996: 109), são compatíveis com as ideias expressas por Saussure e ricas de pontos de reflexão também no debate atual.

5 A VIDA DOS SIGNOS: O TEMPO E A MASSA FALANTE

Contrariamente a toda uma tradição que viu Saussure como pai fundador do estruturalismo e como defensor de um ponto de vista estático que neutraliza o papel desenvolvido pelo tempo, ele é, no entanto, confrontado incessantemente com este tema e isso é fundamental para a formação e a vida do signo. Invertendo a ‘vulgata’ precisamente neste contexto, pode-se afirmar que Saussure não é um estruturalista (Pétroff 2004: 17). As línguas naturais se constituem pelos objetos históricos, e não pelos organismos definidos segundo uma abordagem biológica, cuja primeira característica é a de transformar-se incessantemente (por exemplo, as espécies químicas, cf. Saussure 2005: 70)⁴⁰. O título ambíguo *De l’anti-historicité du langage*, relativo à uma seção do caderno no qual Saussure, em 1894, escreveu várias notas para uma homenagem ao sanscritista americano W. D. Whitney, não tem como objetivo negar o papel do tempo para a vida e o funcionamento das línguas, mas indicar como o falante não tem conhecimento algum da diacronia linguística: para usar uma língua não serve conhecer a sua história.

Saussure reconhece em Whitney o mérito de ter afirmado a natureza institucional da *langue* considerando crucial, porém, destacar que a *langue* não é uma instituição como todas as outras (Saussure 1967: 26)⁴¹. A *langue* é algo comum, transindividual, que existe para os falantes que compõem uma massa. Ela nasce, portanto, de um compartilhamento que precede os indivíduos. A *langue* é, por isso, uma instituição pura da qual nascem as outras instituições (casamento, direito, moda),

em Godel 1957: 213-214); cf. De Mauro (em Saussure 1967: 439-440, nota 227); De Palo (2001: 124-146).

⁴⁰ Lê-se em Godel (*SM*, 1957: 38): “tudo na *langue* é ‘história’, ou seja, essa é um objeto de natureza histórica, e não de análise abstrata, essa se compõe de ‘fatos’ e não de ‘leis’, tudo aquilo que parece orgânico na *langue* é, na verdade, ‘contingente’ e completamente acidental”.

⁴¹ Sobre o papel das instituições cf. Fadda (2010b).

mas se diferencia porque é a mais natural (uma vez que há uma localização cerebral na área de Broca) e a mais histórica porque, diferentemente das outras instituições que dizem respeito a um campo de objetos limitados, a *langue* tem um campo de aplicações mutável e ilimitado.

A *langue* é ligada ao tempo de modo duplo: essa é a condição necessária das mudanças linguísticas, mas é também a condição para que uma língua exista e funcione (De Mauro 1982: 102; cf. Godel 1984: 172). Um estado de *langue* nunca está, na verdade, perfeitamente estável, mas em contínuo movimento⁴². A *langue* não é “uma noção definida no tempo” como, por outro lado, não é uma noção definida no espaço (CLG/E, 3285 N1.20, em Saussure 1967-1974). Portanto, nunca há caracteres permanentes, mas apenas transitórios (cf. Broca, acima, seção 2.2). Na verdade, “A imobilidade absoluta não existe” (Saussure 1967: 242), “o que é absoluto, é o princípio do movimento da *langue* no tempo” (CLG/E, 2205 N23.1, em Saussure 1967-1974). O destino das línguas pertence ao tempo:

Todas as partes da *langue* são submetidas à mudança; cada período corresponde a uma evolução mais ou menos considerável. Essa pode variar de velocidade e de intensidade sem que o princípio em si se encontre invalidado; o rio da *langue* flui sem interrupções (Saussure 1967: 171).

O movimento das línguas é um movimento contínuo, inevitável, mas também extraordinariamente natural. Porém, aquilo que é contrário à natureza da própria *langue vivante* é o estado de imobilismo determinável apenas por fatores externos à linguagem como a ação conservadora da língua escrita.

Na segunda conferência genebrina de Saussure (CLG/E, 3284 N1.2), continuidade e descontinuidade do tempo são exemplificadas através do caso de um artista russo, Boguslawski, que teria se fotografado na mesma pose duas vezes por mês, por vinte anos. Tomando a foto n.1 e confrontando-a com a foto n.2, as diferenças são imperceptíveis, mas, se a confrontarmos com a n.480, veremos duas pessoas diferentes. Também é assim para as línguas. Este exemplo ilustra o princípio

⁴² Sob este ponto de vista, a crítica de Jakobson (1966: 70) à linguística tradicional que, confundindo ‘estático’ e ‘sincrônico’, se limita à sincronia estática sem levar em consideração aquela dinâmica, leva em conta mais a ‘vulgata’ estruturalista do que pensamento saussuriano. Um estado de *langue*, para Saussure, nunca é completamente estável e está sempre em contínua evolução. Isto, em virtude da ação dinâmica das relações sintagmáticas e associativas e pela ação de dois fatores internos à *langue* tais como o tempo e a massa falante.

fundamental da continuidade/descontinuidade da *langue* no tempo. Tudo o que é linguístico muda incessantemente⁴³.

Para Saussure, desde o início das suas reflexões teóricas documentadas, um problema dominante é conciliar **continuidade** e **transformação** da *langue*. De Mauro refletiu muito sobre o alcance da implicação recíproca dos dois princípios (a continuidade e a permanente **mutabilidade** de cada língua) que engloba a realidade linguística por inteiro. É esse, na verdade, um dos nós teóricos contraditórios que se refere exatamente à compatibilidade entre aquilo que qualifica uma forma linguística, isto é, o seu ser em relação de simultaneidade com outras, e o transformar-se das línguas, o seu contínuo flutuar, pelo qual a mudança em qualquer ponto torna essa forma diversa. No entanto, Saussure parece sustentar que o objeto da ciência da linguagem constitui uma entidade ontologicamente unitária quando afirma que “a *langue* é um traje coberto de remendos feitos com seu mesmo tecido” (Saussure 1967: 207).

Mas o que permite estabelecer esta continuidade no tempo? A expansibilidade é a condição semiológica do “autorreferimento”, da “metalinguisticidade” autônoma e reflexiva. Essa propriedade que as línguas têm de referirem-se a si mesmas é a condição que consente primeiro aos falantes e depois aos linguistas de enfrentar a contradição entre o princípio da relacionalidade e o princípio da transmissibilidade com alterações ao longo do tempo. A comunicação e a compreensão são possíveis apenas como “ações situadas” em contextos especiais de discurso, no *jeu de(s) signe(s) de la langue*, ou seja, no uso concreto dos signos.

O tempo não intervém, porém, como único fator, na medida em que ele não é adaptado a operar a mudança, visto que o sujeito falante é único (Arrivé 2007: 130). Mas a questão do tempo, sustenta Pétróff (2004: 238), retomando uma importante distinção entre tempo-cenário e tempo-ator introduzida por Benveniste, é crucial para indagar a questão do sujeito na *langue*: “se se descarta o fator Tempo para substituí-lo uma concepção teleológica das mudanças, tudo se faz mecanicamente, o sujeito falante agiu a partir do determinismo da *langue*, esse não é mais nem ator, nem autor da sua palavra, que Saussure definia, no entanto, como lugar da liberdade”. O tempo

⁴³ O tempo é abordado também em diversas passagens importantes do CLG: no parágrafo dedicado à imutabilidade e mutabilidade do signo; nas páginas nas quais se ilustra como tempo e massa falante concorrem como fatores internos à definição funcional da *langue*; na linguística geográfica, onde o tempo é indicado como a causa principal da diferenciação geográfica, que é sua própria projeção.

do *parler* é um tempo ativo, um tempo ator que determina o equilíbrio entre continuidade e descontinuidade da *langue*.

Saussure une as três noções de *langue* que Hjelmslev teria depois identificado no CLG: a *langue* como sistema, a *langue* como instituição social e a *langue*-uso (De Mauro 2010: 26). Uma palavra não existe verdadeiramente senão graças à sanção que recebe, de momento a momento, por parte daqueles que a empregam (Saussure 2005: 94). Se se concebe a *langue* como sistema social, essa é “vital, mas não viva”. Essa é viva somente se imersa na *marche du temps*, na massa falante considerada na própria história. Deve-se, por isso, tomar cuidado ao contrapor o Saussure do sistema vital, ou seja, do sistema acrônico, não capaz de funcionar, e o Saussure da *langue* como realidade *flottante* e viva no tempo (De Mauro 2010: 28). A *langue* vive no tempo e na massa falante.

A metáfora da vida, muitas vezes usada para explicitar modelos organicistas e biológicos, é utilizada por Saussure para caracterizar o estatuto da *langue* no tempo ou para referir-se à vida semiológica, para indicar um sistema que entra na circulação social⁴⁴. A ‘língua viva’ é concreta exatamente como objeto histórico, ao mesmo tempo em que é sistema abstrato, quando se a considera como um objeto independente dos falantes e de uma determinada realidade histórico-social. A linguagem humana se apresenta concretamente como atividade, ou melhor, como uma atividade linguística (cf. Coseriu 1971) que propõe a questão dos tipos de relação existentes entre os fatos sociais e os fatos linguísticos (Bronckart; Bota 2010: 193). Este caráter de atividade, de *práxis* da linguagem, implica uma atividade social de interação com outras formas de atividade humana: “A *langue* é um tipo de atividade social” (CLG/E, 284 G1.2, em Saussure 1967-1974).

6 O SUJEITO, A COMUNIDADE E A ATIVIDADE LINGUÍSTICA

A linguagem constitui um meio de ação fundamental para a organização da vida social humana, um meio sem o qual o homem não seria aquilo que é:

⁴⁴ Como se lê no CLG (Saussure 1967: 14): “Existem certas imagens das quais não se pode prescindir”. Usada pelos comparatistas (mas também utilizada como título por Whitney, 1875), ninguém ousou, então, retomar a metáfora da vida na língua “pois a *langue* não é uma entidade, e existe apenas nos sujeitos falantes” (*ibid.*).

O que é claro, como repetimos mil vezes, é que, sem linguagem, o homem talvez seria o **homem**, mas não seria um ser que se aproxime nem mesmo um pouco ao homem que nós conhecemos e somos, porque a linguagem foi, por um lado, o mais formidável motor de ação coletiva, e de educação individual por outro, instrumento sem o qual, de fato, o indivíduo ou a espécie não teriam podido nem sequer aspirar a desenvolver em nenhum sentido as próprias faculdades inatas (CLG/E, 3283 N1.16, em Saussure 1967-1974; Fadda 2006: 88).

Um modo de analisar a relação entre sujeito individual e o grupo social é considerar o sujeito falante individual como um sujeito social, na medida em que é depositário do sistema de valores da massa falante da qual é membro (Coursil 2010: 57). Portanto, a massa falante seria a matriz da linguagem. Nessa perspectiva, não é necessário partir do indivíduo, mas da linguagem como um fenômeno de grupo: “não é a linguagem falada que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua” (Saussure 1967: 20) dos homens que vivem em grupo. Atribuir uma primazia do grupo sobre o indivíduo na questão da emergência e da eficácia da linguagem significa considerar que a “constituição” da linguagem suponha uma pluralidade. Dito em outras palavras, em todo ato linguístico, o outro é uma condição necessária (Coursil 2010: 57). Então, a *parole* é incognoscível? Trata-se de integrar os sistemas semiológicos do grupo em cada um dos seus membros: assim o sujeito falante acaba por ser uma forma integrada da atividade de semiose dos grupos sociais.

Se a *langue* é um *réservoir individuel*, um *trésor intérieur* onde se depositam as formas ouvidas no *discours*, então, em termos vygotkianos, pode-se afirmar que as entidades constitutivas da *langue* são o produto da apropriação e da interiorização dos signos veiculados na atividade discursiva (Bronckart 2010: 342). Nesse depósito, os signos interiorizados se tornam objeto de uma atividade de classificação que mobiliza os processos de associação e que resulta na constituição de séries de termos que mantêm entre si relações de semelhança/diferença (cf. SM⁴⁵: 170)⁴⁶. Esse depósito é, também, o lugar com base no qual as unidades serão reutilizadas para construir novos *discours*: “os materiais serão posteriormente postos em uso de um modo ou de outro

⁴⁵ SM = *Sources Manuscrites* (Fontes Manuscritas), cf. GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*. Genève: Librairie Droz, 1957 (N. E.).

⁴⁶ Essa abordagem pelas quais os valores dos signos se elaboram, se transmitem, se transformam no discurso é muito desenvolvida no primeiro curso saussuriano, enquanto é eludida no terceiro (Bronckart 2010: 343). A noção de ‘discurso’ em Saussure está longe de ser ausente (ainda que pareça faltar tanto no terceiro curso quanto no CLG, e, portanto, na ‘vulgata’; cf. Arrivé 2007: 105). A propósito das relações associativas, Saussure (1967: 149) defende que se situam “fora do discurso” e, portanto, em relação a uma exceção de ‘discurso’ como “produto do ato de *parole*”. No primeiro curso, Saussure se refere à “*occasion de la parole*” e nas *Notes Item* alude ao papel do plano discursivo nas evoluções linguísticas (Saussure 2002: 95).

por ocasião da *parole*⁴⁷ (SM, em Godel 1957: 71). A *parole* é caracterizada sobretudo pela “*occasion du discours*”, enquanto a *langue* é “*le réservoir individuel*”, “*le dépôt des formes entendues*” em que não há premeditação, mas uma atividade inconsciente “quase passiva” de classificação (*ibid.*).

Um problema que tocamos na seção 4.3 está ligado ao estatuto dos processos postos em cena na esfera associativa que Saussure parece considerar como inconscientes, pré-conscientes, subconscientes ou intuitivos, mas, também por uma outra perspectiva, conscientes (quando se refere à atividade consciente da *langue*) (Bronckart 2010: 343).

Um outro ponto delicado diz respeito ao lugar de ancoragem dessa noção de *langue*: é o indivíduo? Ou a *langue* tem, como frequentemente diz Saussure, a sua sede no coletivo?

No entanto, como mostra Fehr (2000: 146-164; cf. também De Palo 2001; Bronckart; Bota 2010: 200), a organização efetiva da esfera associativa nos sujeitos apresenta dimensões singulares que não podem ser reconduzidas à *langue* como instância social. Esse aspecto não foi muito desenvolvido por Saussure, que se concentrou no sistema coletivo como única abordagem sincrônica. Talvez Saussure teria tratado esse assunto no terceiro curso na parte sobre a **faculdade e exercício da linguagem nos indivíduos**. Como dissemos, os fatos linguísticos pressupõem um patrimônio biológico, uma capacidade que não existe senão **em seu uso social**. Quando Saussure examina essas instâncias agentivas do uso, evoca tanto a massa falante quanto o sujeito falante, indicando que se esse uso é coletivo, é possível analisar seu funcionamento no âmbito do indivíduo enquanto representante do coletivo (Bronckart; Bota 2010: 201). Assim, pode-se hipotetizar uma dupla ancoragem da *langue*, no indivíduo, por um lado, nas instâncias coletivas, por outro (Bronckart; Bota 2010: 202). Essa bipartição, a eterna dualidade da linguagem abordada por Saussure, remete para a bipartição entre representações coletivas e representações individuais analisadas por Durkheim (1974).

⁴⁷ Tudo aquilo que é levado aos lábios do falante “*par les besoins du discours et par une opération particulière, c’est la parole*”. Tudo aquilo que está contido “no cérebro do indivíduo, o depósito das formas ouvidas e praticadas e dos seus sentidos, é a *langue*” (CLG/E, 2560 1R, em Saussure 1967-1974). Essa primeira apresentação da distinção *langue/parole*, introduzida no capítulo dedicado à criação analógica, mostra a interdependência dos dois termos e a sua estreita conexão no indivíduo, deixando surgir, assim, a polarização sincrônica da questão antes mesmo dos seus reflexos diacrônicos: a *langue* não é senão a “*consécration de ce qui avait été évoqué par la parole*” (CLG/E, 2560 1R, em Saussure 1967-1974).

De algum modo, Saussure parece considerar o indivíduo como um representante qualificado do coletivo e a *langue* como socialmente ancorada, ainda que seja metodologicamente “mais cômodo encontrá-la no indivíduo” (CLG/E, 2560 IR2, em Saussure 1967-1974). O interesse de Saussure por Flournoy e Claparède, pelo tema da memória e pelas variações individuais das associações revela essa dupla ancoragem da linguagem e a necessidade de não perder de vista as condições psíquicas e sociais que codeterminam o modo concreto de existência dos sistemas linguísticos e, por consequência, o seu processo de contínua transformação (Fehr 2000: 211; Bronckart 2010: 343). A *langue* interna (ou vivida) dos indivíduos teria uma organização que é codeterminada por ingredientes lexicais e sintáticos que são de natureza coletiva, mas a sua instanciação e o modo de classificação na esfera associativa dependeriam de fatores psicológicos individuais. Por outro lado, a *langue* coletiva é apresentada por Saussure como uma espécie de média das ‘*langues* individuais’.

Segundo a hipótese de Bronckart (2010: 345), os processos psicológicos internos de classificação, de diferenciação e de associação possuiriam caráter pré-consciente: em outras palavras, no armazenamento interno, as operações de classificação dos signos gerados pela atividade discursiva não se efetuam de modo consciente e deliberado. Mas as criações analógicas mostram como a *langue* coletiva é uma instância cuja atividade é deliberada, consciente (Saussure 1967: 199): as formas novas são criadas pelo indivíduo, mas somente a *langue* coletiva pode ratificá-las em razão da consciência que tem da própria organização. O social influencia, para Saussure, os mecanismos linguísticos, mas essa influência não poderia ser senão indireta porque os fatos linguísticos são específicos e não assimiláveis àqueles de outras instituições sociais (Bronckart; Bota 2010: 205). Os fatos linguísticos são irreduzíveis àqueles sociais, uma vez que a autonomia do semiótico nos confrontos do sociológico é muitas vezes afirmada por Saussure (ao contrário de Meillet e Durkheim). Sob esse ponto de vista, muito importantes são as contribuições de Piaget que mostram como a implementação dos processos cognitivos herdados (assimilação, acomodação, equilíbrio, generalização) permite a qualquer indivíduo “*retravailler*” as entidades significantes recebidas pelo coletivo; por outro lado, Vygotski mostrou como a economia psíquica de todo indivíduo tem propriedades radicalmente singulares, fruto da história do aprendizado individual, e fundadoras da singularidade da sua pessoa (Bronckart; Bota 2010: 206). Portanto, os processos de construção dos

signos constituem um prolongamento direto dos processos comuns ao ser vivo (assimilação, acomodação, equilíbrio, generalização), mas, uma vez constituídos, esses signos transformam o psiquismo herdado e o fazem passar, como defendia Vygotski, do regime biocomportamental ao regime sócio-histórico.

REFERÊNCIAS

AMACKER, René. Saussure e gli universali linguistici. In: VIGNUZZI et al., *Teoria e storia degli studi linguistici*. Roma: Bulzoni, 1975.

AMACKER, René. Prefazione. In: DE PALO, M. *La conquista del senso. La semantica tra Saussure e Bréal*. Roma: Carocci, 2001a.

ARMEZZANI, Maria. *Esperienza e significato nelle scienze psicologiche*. Roma-Bari: Laterza, 2002.

ARRIVÉ, Michel. *À la recherche de Ferdinand de Saussure*. Paris: Lambert-Lucas, 2007.

ARRIVÉ, Michel. *Langage et psychanalyse, linguistique et inconscient. Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Paris: Lambert-Lucas, 1994.

AUROUX, Sylvain. *La question de l'origine des langues*. Paris: PUF, 2007.

AUROUX, Sylvain. *La sémiotique des encyclopédistes*. Paris: Payot, 1979.

AUROUX, Sylvain. *Scrittura e grammatizzazione. Introduzione alle scienze del linguaggio*. Palermo: Novecento, 1999.

BÉGUELIN, Marie-José. Langue reconstruite et langue tout court. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 62, p. 9-32, 2009.

BERGONIOUX, Gabriel. Saussure ou la pensée comme représentation. In : ARRIVÉ, M.; NORMAND, C. (éds.). *Saussure aujourd'hui*. Actes du Colloque de Cerisy la Salle (12-19 août 1992), "Linx" - Université Paris X-Nanterre, Paris, 1995.

BRÉAL, Michel. L'histoire des mots. *Revue des deux mondes*, n. 82, p. 615-639, 1897.

BROCA, Paul. Discussion sur le siège de la faculté du langage articulé. *Bulletin de la société d'anthropologie*, n. 2, v. 1, p. 377-385, 1866.

BROCA, Paul. *Mémoires d'anthropologie*. Paris: Reinwald et C, 1871.

BRONCKART, Jean-Paul. *L'activité langagière, textes et discours*. Lausanne-Paris: Delachaux et Niestlé, 1996.

BRONCKART, Jean-Paul. L'œuvre saussurienne et les sciences de l'homme. In : BRONCKART, J.-P., BULEA, E., BOTA, C. (eds.). *Le projet de Ferdinand de Saussure*. Genève -Paris: Droz, 2010.

BRONCKART, Jean-Paul; BOTA, Cristian. Dynamique et socialité des fait langagiers. In : BRONCKART, J.-P., BULEA, E., BOTA, C. (eds.). *Le projet de Ferdinand de Saussure*. Genève -Paris: Droz, 2010.

BÜHLER, Karl. *La funzione rappresentativa del linguaggio*. Roma: Armando Editore, 1983.

BURGER, André. Significations et valeur du suffixe verbal français -e-. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n.18, p. 5-15, 1961.

CLAPARÈDE, Édouard. *Inediti Psicologici*. (a cura di C. Trombetta). Roma: Bulzoni, 1982.

COSERIU, Eugenio. L'uomo e il linguaggio. *Teoria del linguaggio e linguistica generale*. Bari: Laterza, 1971.

COSERIU, Eugenio. *Sprachkompetenz. Grundzüge der Theorie des Sprechens*. Tübingen: Francke, 1988.

COURSIL, Jacques. Dualités intégrées. In: BRONCKART, J.-P., BULEA, E., BOTA, C. (eds.). *Le projet de Ferdinand de Saussure*. Genève -Paris: Droz, 2010.

D'OTTAVI, Giuseppe. Ferdinand de Saussure e Monsieur B. *Bollettino di italianistica*., anno VII, n. 1, 2010.

DE MAURO, Tullio. *Capire le parole*. Roma-Bari: Laterza, 1994.

DE MAURO, Tullio. *Introduzione alla semantica*. Bari: Laterza, 1965.

DE MAURO, Tullio. *Minisemantica dei linguaggi non verbali e delle lingue*. Roma-Bari: Laterza, 1982.

DE MAURO, Tullio. *Prima persona singolare passato prossimo indicativo*. Roma: Bulzoni, 1998.

DE MAURO, Tullio. Saussure, les langages et la linguistique d'aujourd'hui. In : BRONCKART, J.-P., BULEA, E., BOTA, C. (eds.). *Le projet de Ferdinand de Saussure*. Genève -Paris: Droz, 2010.

DE PALO, Marina. *La conquista del senso. La semantica tra Saussure e Bréal*. Roma: Carocci, 2001a.

DE PALO, Marina. Memoria e significato. Linguistica e psicologia intorno a Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n.54, p. 359-383, 2001b.

DE PALO, Marina. Saussure et les sémantiques post-saussuriennes. In : SAUSSURE, L. de (éd.). *Nouveaux regards sur Saussure. Mélanges offerts à René Amacker*. Genève: Droz, 2006a.

DE PALO, Marina. Antipsicologismi a confronto. Saussure e Frege. In: GENSINI, S.; MARTONE, A. *Il Linguaggio. Teoria e storia delle teorie. In onore di Lia Formigari*. Napoli: Liguori, 2006b.

DE PALO, Marina; FORMIGARI, Lia. Présentation in Sciences du langage et psychologie à la charnière des 19^o et 20^o siècles. *Histoire Épistémologie langage*, n. XXXII, v. 2, p. 5-8, 2010.

DEACON, Terrence. *La specie simbolica. Coevoluzione di linguaggio e cervello*. Roma: Giovanni Fioriti Editore, 2001.

DESCOMBES, Vincent. *La denrée mentale*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1995.

DI CESARE, Donatella. *Introduzione a W. von Humboldt. La diversità delle lingue*. Roma-Bari: Laterza, 1991.

DI FRANCESCO, Michele. *Introduzione alla filosofia della mente*. Roma: Carocci, 1996.

DIAS, Nélia; RUPP-EISENREICH, Britta. Le rapport à l'anthropologie physique. In : AUROUX, S. *Histoire des idées linguistiques*, v. III. Liège: Mardaga, 2006.

DUMMETT, Michael. *Origini della filosofia analitica*. Torino: Einaudi, 2001.

DURKHEIM, Émile. *Le regole del metodo sociologico*. Roma: Editori Riuniti, 1996.

DURKHEIM, Émile. Représentations individuelles et représentations collectives. *Sociologie et Philosophie*. Paris: PUF, 1974.

ELLENBERGER, Henri F. *La scoperta dell'inconscio. Storia della psichiatria dinamica*. Torino: Boringhieri, 1976.

ENGLER, Rudolf. *Lexique de la terminologie saussurienne*. Utrecht-Antwerpen: Het Spectrum, 1968.

ENGLER, Rudolf. Iconicity and/or Arbitrariness. In: SIMONE, R. (ed.). *Iconicity in Language*. Amsterdam-Philadelphia: Benjamins, 1995.

ESPOSITO, Roberto. *Terza persona. Politica della vita e filosofia dell'impersonale*. Torino: Einaudi, 2007.

FADDA, Emanuele. *Lingua e mente sociale*. Acireale-Roma: Bonanno, 2006.

FADDA, Emanuele. Forma, prassi e coscienza linguistiche. Una (nuova) prospettiva saussuriana. In: GOLA, E.; STORARI, G. P. *Atti del XVI congresso nazionale SFL* (Cagliari, 10-12 settembre 2009), Cagliari, p. 103-113, 2010a.

FADDA, Emanuele. Le temps et les institutions. Pour une sémiologie de la transmission. In : BRONCKART, J.-P., BULEA, E., BOTA, C. (eds.). *Le projet de Ferdinand de Saussure*. Genève -Paris: Droz, 2010.

FEHR, Johannes. *Saussure entre linguistique et sémiologie*. Paris: PUF, 2000.

FORMIGARI, Lia. *La linguiste empiriste face au kantisme*. Lièges: Mardaga, 1994.

FORMIGARI, Lia. Idealism and Idealistic Trends in Linguistics and in Philosophy of Language. In: SCHMITTER, P. *Geschichte der Sprachtheorie*. Tübingen: Narr, 1999.

FORMIGARI, Lia. *Il linguaggio. Storia delle teorie*. Bari-Roma: Laterza, 2001.

FORTUNA Sara. Percezione obliqua, linguaggio, gioco dei segni. Dal Saussure inedito all'ultimo Wittgenstein. In: ELIA, A.; DE PALO, M. *La lezione di Saussure. Saggi di epistemologia linguistica*. Roma: Carocci, 2007.

GARGANI, Davide. Saussure e la “massa amorfa”. In: ELIA, A.; DE PALO, M. *La lezione di Saussure. Saggi di epistemologia linguistica*. Roma: Carocci, 2007.

GARRONI, Emilio. *L'indeterminatezza semantica: una questione limitare*. In: ALBANO LEONI et al. *Ai limiti del linguaggio. Vaghezza, significato e storia*. Roma-Bari: Laterza, 1998.

GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève-Paris: Droz-Minard, 1957.

GODEL, Robert. Sincronia, diacronia e pseudo-diacronia. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n.38, p. 169-187, 1984.

GRAFFI, Giorgio. *La sintassi tra Ottocento e Novecento*. Bologna: Il Mulino, 1991.

HACKING, Ian. *Linguaggio e filosofia*. Milano: Cortina, 1994.

HACKING, Ian. *Rewriting the Soul: Multiple Personality and the Science of Memory*. Princeton University Press, Princeton, 1995.

HENRY, Victor. *Antinomies linguistiques*. Paris: Alcan, 1896.

HUMBOLDT, Wilhelm von. *La diversità delle lingue*. (a cura di DI CESARE, D.). Roma-Bari: Laterza, 1993.

JÄGUER, Ludwig. Neurosemiologie Das transdisziplinäre Fundament der Saussureschen Sprachidee. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n.54, p. 289-337, 2001.

JAKOBSON, Roman. *Saggi di linguistica generale*. Milano: Feltrinelli, 1966.

JANET, Pierre. *L'automatisme psychologique*. Paris: Alcan, 1889.

JANET, Pierre. *Principes de métaphysique et de psychologie. Leçons professées à la Faculté des lettres de Paris, 1888-1894*, 2 vol, Paris: Delagrave, 1897.

LEPSCHY, Giulio. Saussure e gli spiriti. In: AMACKER, R. et al.. *Studi saussuriani per Robert Godel*. Bologna: Il Mulino, 1974.

LICHTHEIM L. On Aphasia. *Brain*, 7, p. 433-484, 1885.

MORABITO, Carmela. *La mente nel cervello*. Roma-Bari: Laterza, 2004.

OLIVERIO, Alberto. *Biologia e filosofia della mente*. Roma-Bari: Laterza, 1995.

PÉTROFF, André-Jean. *Saussure. La langue, l'ordre et le désordre*. Paris: L'Harmattan, 2004.

PICARDI, Eva. *La chimica dei concetti*. Bologna: Il Mulino, 1994.

PROSDOCIMI, Aldo. Sul Saussure delle leggende germaniche. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n.37, p. 34-106, 1983.

RIBOT, Théodule. *Les maladie de la mémoire*. Paris: Alcan, 1914.

RUSSO CARDONA, Tommaso. *La mappa poggiata sull'isola. Iconicità e meta fora nelle lingue dei segni e nelle lingue vocali*. Rende: Centro editoriale dell'Università della Calabria, 2004.

RUSSO CARDONA, Tommaso. Recensione a F. de Saussure. Scritti inediti di linguistica generale. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n.58, p. 299-308, 2005.

RUSSO CARDONA, Tommaso. Sulla formatività del segno linguistico nello scritto saussuriano dell'essence double du langage. In: ELIA, A.; DE PALO, M. *La lezione di Saussure. Saggi di epistemologia linguistica*. Roma: Carocci, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Corso di linguistica generale*. Bari: Editori Laterza, 1967.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*, éd. critique par R. Engler, 4vol. Wiesbaden: Harrassowitz, 1967-1974.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale. Premier et troisième cours* (d'après les notes de Riedlinger et Constantin), texte établi par E. Komatsu. Collection Recherches, Université Gakushuin, n.24, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Scritti inediti di linguistica generale*. Bari: Laterza, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Écrits de linguistique générale* (ed. critica curata da S. Bouquet, R. Engles). Paris: Gallimard, 2002.

SCHLEICHER August. *La théorie de Darwin et la science du langage. De l'importance du langage pour l'histoire naturelle de l'homme*, traduit de l'allemand par M. de Pommayrol. Paris: A. Franck, 1868.

SECHEHAYE Albert. *Programme et méthodes de la linguistique théorique*. Paris: Champion, 1908.

STAWARSKA, Beata. *Saussure's Philosophy of Language as Phenomenology*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

SUENAGA, Akatane. *Saussure, un système de paradoxes. Langue, parole, arbitraire et inconscient*. Limoges: Lambert Lucas, 2005.

TAINÉ, Hippolyte. *De l'intelligence*, 2 vol. Paris: Hachette, 1870.

TORT, Patrick. *Evolutionnisme et linguistique. Suivi de A. Schleicher, "La théorie de Darwin et la science du langage. De l'importance du langage pour l'histoire naturelle de l'homme"*. Paris: Vrin, 1980.

TRABANT, Jürgen. Le courant humboldtien. In : AUROUX, S. *Histoire des idées linguistiques*. Liège: Mardaga, 2000.

VALLINI, Cristina. *Continuità del metodo di Saussure*. In : AMACKER, R.; ENGLER, R. *Présence de Saussure*. Genève : Droz, 1990.

VYGOTSKI, Lev Semënovič. *Pensiero e linguaggio. Ricerche psicologiche*. Roma-Bari: Laterza, 1990.

WERNICKE, C. *Der aphasische Symptomencomplex. Eine psychologische Studie auf anatomischer Basis*. Breslau: Cohn & Weighert, 1874.